



Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em
Ciências Humanas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS – PPGICH.
MESTRADO ACADÊMICO

DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA

O DEVER DAS ÁGUAS
OS MODOS DE VIDA DOS MORADORES DO LAGO DO CATALÃO EM
IRANDUBA - AM

Manaus - AM

2020

DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA

O DEVIR DAS ÁGUAS
OS MODOS DE VIDA DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO
CATALÃO EM IRANDUBA - AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como exigência final dos requisitos mandatórios para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientação: Prof. Dr^a Edilza Laray de Jesus

Manaus - AM

2020

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S729d Ferreira de Souza, Deise Nilciane
 O devir das águas : Os modos de vida dos moradores da comunidade Lago do Catalão em Iranduba -Am / Deise Nilciane Ferreira de Souza. Manaus : [s.n], 2020.
 104 f.: color.; 30 cm.

 Dissertação - PGSS - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas (Mestrado) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2020.
 Inclui bibliografia
 Orientador: Edilza Laray de Jesus

 1. diversidade epistemológica. 2. modos de vida. 3. devir das águas. I. Edilza Laray de Jesus (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. O devir das águas

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA

O DEVIR DAS ÁGUAS
OS MODOS DE VIDA DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO
CATALÃO EM IRANDUBA - AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como exigência final dos requisitos mandatórios para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Aprovado em: _30/06/2020

BANCA EXAMINADORA:

Dr^a Edilza Laray de Jesus/ Universidade do Estado do Amazonas – UEA (presidente)

Dr^a Jocilene Gomes da Cruz/ Universidade do Estado do Amazonas – UEA (membro interno)

Dr. Antonio Carlos Witkoski/ Universidade Federal do Amazonas –UFAM (membro externo)

*Dedico à Tereza Cursino (in memoriam). Vó,
obrigada por ser meu primeiro grande
exemplo de mulher, amor, inspiração e
resiliência. Tua história é um pouco da
história de muitos ribeirinhos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às deusas, aos deuses, à força transcendental que me trouxe a esta existência de tantos aprendizados.

Agradeço às três forças propulsoras dos meus dias, meus barcos e meus portos seguros: Leonor Souza, minha mãe; Ian Souza, meu primogênito, e Lucas Emmanuel que faz todos os dias reinventar-me missão da maternidade.

Aos meus familiares, em especial meus irmãos, cunhadas e sobrinhos. Vocês são meu afago, mesmo de longe.

Aos meus alunos, vocês me inspiraram a voltar a estudar, pois ensino sem pesquisa nos lança para a vala de uma educação bancária e inócua. A sala de aula me humanizou, me ensinou, me renovou.

Aos colegas que me acompanharam nesta trajetória acadêmica, trocas de experiências, parcerias, amizades que nasceram, mãos que foram dadas, resistências ao rolo compressor da disciplinarização, dos símbolos opressores que a academia carrega, seus muros invisíveis. Fomos fortes e aqui chegamos.

Nessa trajetória, agradeço em especial à amiga Daniela Glória Canto e Kely Guimarães por todos os momentos partilhados, compartilhados, sentidos para além da academia.

À Israel Cuperstein, pelo apoio emocional e material nos momentos mais difíceis dessa trajetória. Gratidão será sempre minha palavra para você, Suli. Cumri minha promessa.

Aos moradores da comunidade Lago do Catalão pelos aprendizados, por compartilhar saberes que se renovam no devir dessas águas. Obrigada pela escuta, pela colaboração com esta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH pelas explicações em áreas do conhecimento específicas nas quais tive que me aprofundar para elaborar a dissertação e gerar arcabouço teórico mínimo para analisar os materiais coletados ao longo da pesquisa.

Aos professores da banca de qualificação pelas importantes sugestões ao meu trabalho, em especial ao professor Antônio Carlos e Jocilene Gomes.

À orientadora desta pesquisa Prof. Dra. Edilza Laray de Jesus pelo aprendizado, compreensão pedagógica e afetiva.

Agradeço ainda a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES responsável pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho analisa os modos de vida dos moradores da comunidade Lago do Catalão, localizada na confluência dos Rio Negro e Solimões, pertencente à jurisdição do município de Iranduba - AM. A análise das dinâmicas sociais no mundo do trabalho e da relação com o lugar são a via para evidenciar os saberes construídos nestes modos de vida. Esta comunidade é formada por casas flutuantes instaladas entre os paranás que se formam entre as restingas de uma região conhecida como boca do Catalão. Os modos de vida são marcados de múltiplas formas de adaptabilidade dos moradores ao ambiente físico em virtude do regime de vazante e enchente que caracteriza este espaço como várzea. O percurso metodológico teve como fundamento teóricos os estudos sobre comunidades ribeirinhas na Amazônia com vista a evidenciar a diversidade epistemológica existente nos seus modos vida. Deste modo, fizemos uso da observação direta, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos, caderno de campo. Os resultados revelaram características relacionadas ao ambiente físico como, por exemplo, s flutuantes, durante todo o ano, precisam ser posicionados refletindo a plasticidade do morador sobre o espaço. Os ciclos hidrológicos representados pelos períodos de cheia e de vazante modulam a intervenção humana na paisagem, a que chamamos de *devir das águas*. O estudo evidenciou que os saberes ligados ao ambiente é prova da diversidade epistemológica que se distingue em seu cerne do paradigma unificado da ciência moderna, evidenciou também que estes modos de vida são tangenciados continuamente por tensões que envolvem a possibilidade do trabalho marcado pelo regime de enchente e vazante dos rios e pela ideia de futuro que os moradores desejam.

Palavras-chave: diversidade epistemológica; modos de vida; devir das águas

ABSTRACT

This work analyzes the ways of life of the residents of the Lago do Catalão community, located at the confluence of the Rio Negro and Solimões, belonging to the jurisdiction of the municipality of Iranduba - AM. The analysis of social dynamics in the world of work and the relationship with the place are the way to highlight the knowledge constructed in these ways of life. This community is formed by floating houses installed between the paranás that are formed between the sandbanks of a region known as Boca do Catalão. The ways of life are marked by multiple forms of adaptability of residents to the physical environment due to the ebb and flow regime that characterizes this space as a floodplain. The methodological path was based on studies on riverside communities in the Amazon with a view to highlighting the epistemological diversity existing in their ways of life. In this way, we made use of direct observation, semi-structured interviews, photographic records, field notebook. The results revealed characteristics related to the physical environment, for example, floating, throughout the year, need to be positioned reflecting the plasticity of the resident over the space. The hydrological cycles represented by periods of flood and ebb modulate human intervention in the landscape, which we call the coming of waters. The study showed that the knowledge linked to the environment is proof of the epistemological diversity that is distinguished in its core from the unified paradigm of modern science, it also showed that these ways of life are continually touched by tensions that involve the possibility of work marked by the flood regime and ebb from rivers and the idea of the future that residents want.

Keywords: epistemological diversity; lifestyle; becoming of the waters

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Menino do Lago do Catalão.	27
Figura 2: Casa Flutuante.	29
Figura 3: Casa Flutuante.	37
Figura 4: Canteiros flutuantes com espécies medicinais, hortelã, babosa e capim santo.	38
Figura 5: Canteiros adaptados com árvores frutíferas (banana e mamão), verduras e plantas medicinais.	38
Figura 6: Período de transição Estiagem-Cheia.	49
Figura 7: Visão aérea da Comunidade Lago do Catalão.	54
Figura 8: Tipos de flutuantes.	55
Figura 9: Casa flutuante com sistema de câmera de vigilância.	58
Figura 10: Casa flutuante com comércio.	58
Figura 11: Casa de Farinha Flutuante – espaço coletivo dos moradores.	60
Figura 12: Cozinha semiaberta.	60
Figura 13: Varanda em casa flutuante.	60
Figura 14: Gincana realizada em alusão ao Dia do Estudante.	63
Figura 15: Competição de dança.	63
Figura 16: Transporte escolar.	64
Figura 17: Preparo da maniva para o plantio.	79
Figura 18: Ponto de apoio e descanso para pescadores e roceiros.	79
Figura 19: Área de plantio.	80
Figura 20: Início do plantio.	80
Figura 21: Descasque da mandioca.	81
Figura 22: Produção de farinha.	81
Figura 23: Preparação do pé-de-moleque.	81
Figura 24: Pé-de-moleque pronto para comercialização.	81
Figura 25: Criação de pirarucu em tanque adaptado.	83
Figura 26: Pequeno tanque rede para criação de peixes pequenos.	83

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Locus da Pesquisa.	14
Mapa 2: Cartografia gradiente Público-Privado, rotas e espaços comuns nos períodos de cheia e estiagem.	47
Mapa 3: Cartografia Movimento dos flutuantes entre cheia e estiagem, e entre estiagem e cheia.	48

LISTA DE TABELAS

Tabela: Dados populacionais por faixa etária e gênero da comunidade Lago do Catalão. 82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – DIVERSIDADE EPISTEMOLÓGICA DO MUNDO: COMO PENSAM OS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO.....	18
1.1 Episteme e diversidade epistemológica do mundo	19
1.2 Viver é preciso: produção social dos saberes	25
CAPÍTULO 2 – O DEVIR DAS ÁGUAS: AS ESTARÉGIAS DE ADAPTABILIDADE DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO.....	40
2.1. Devir das águas da várzea do Lago Catalão	40
2.2 Vida flutuante: as estratégias de adaptabilidade dos moradores da Comunidade Lago do Catalão	51
CAPÍTULO 3 - ESSE É O MEU LUGAR: MODOS DE VIDA DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO	68
3.1 Esse é o meu lugar: território e territorialização do mundo do trabalho dos moradores da comunidade Lago do Catalão.....	68
3.2 Para além do meu lugar: mundo do trabalho e produção dos moradores do Lago do Catalão	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXOS.....	95
1 Parecer consubstanciado Comitê de ética	96
2 Entrevista semiestruturada	101
3 Roteiro de observação.....	102
4 Entrevistados.....	103

INTRODUÇÃO

O movimento das águas é fonte de formulações teóricas, simbólicas, poéticas, filosóficas e culturais. O presente trabalho é uma investigação sobre os modos de vida dos moradores da comunidade do Catalão no município de Iranduba, significativamente marcados pelo devir das águas do Rio Negro e Solimões na confluência onde está localizada. Estes modos de vida são uma teia complexa de saberes produzidos a partir de suas vivências, da criação de estratégias adaptativas que são respostas aos quatro momentos do devir das águas do Catalão: enchente, cheia, vazante e seca.

Inspirada na noção filosófica de noção de devir, referência ao eterno vir-a-ser pensado pelo filósofo Heráclito para designar as transformações ontológicas do mundo, este trabalho é uma tentativa de apresentar a multiplicidade de alguns fenômenos da realidade dos moradores do Lago do Catalão. Somado a este viés filosófico, o devir também designa de forma mais poética o movimento das águas na várzea do Lago do Catalão.

Nosso interesse surgiu quando conhecemos a comunidade do Lago do Catalão a partir de uma visita a única escola existente no local, fato que nos deu uma visão parcial da riqueza epistêmica ali existente. Esta visita reorientou nosso olhar para realização da pesquisa junto à comunidade, surgindo naquele momento o desejo de imergir no conhecimento das vivências dos moradores como meio de desvelamento da cultura ali existente, de como se deu o processo de hominização na várzea do Catalão e seus processos de adaptação. Cuche (1999) nos lembra que pela via da cultura o homem se adapta ao meio e o meio também é adaptado ao homem, às suas necessidades, aos seus objetivos. Assim, a investigação sobre os processos de adaptabilidade dos moradores do Lago do Catalão nos pareceu um campo de possibilidade de apresentar os processos culturais ali produzidos. Somado a estes aspectos, por ser tratar de uma comunidade flutuante, aspectos culturais, sociais e ambientais eram passíveis de um olhar mais apurado que revelasse dinâmicas próprias deste tipo de comunidade.

Conhecida nacionalmente como fragmento de uma cidade flutuante, a comunidade Lago do Catalão é atrativo de turistas de todo Brasil e do mundo, por ter uma dinâmica diferente da maioria das comunidades de várzeas na Amazônia, que vivem sob os regimes de enchente, cheia, vazante e seca, assentados em determinado trecho de terra que vai se modificando neste movimento. Os moradores do Lago do Catalão vivem literalmente sobre as águas e suas vivências apresentam peculiaridades que os diferenciam dos demais ribeirinhos na sua relação com o espaço. Dessa forma, apresentamos algumas dimensões dos seus modos de vida

espraiados em suas moradias, os flutuantes, águas e terra. Ainda lembrando Cuche (1999), a noção de cultura é válida também porque encerra posições naturalizantes dos comportamentos humanos e nosso intento não foi submeter os modos de vida ao devir das águas do Lago do Catalão, mas de formas diversas, evidenciar que os processos de hominização da várzea do Catalão são o resultado da dialética entre homem e seu meio.

O presente trabalho tem por objetivo investigar os modos de vida dos moradores da Comunidade Lago do Catalão supondo o devir das águas e suas estratégias adaptativas. De modo específico analisar a *episteme* que norteia os modos de vida dos moradores da Comunidade Lago do Catalão; compreender as estratégias de adaptabilidade dos moradores do Lago do Catalão e evidenciar as formas sociais de usos do território a partir do mundo do trabalho dos moradores da comunidade.

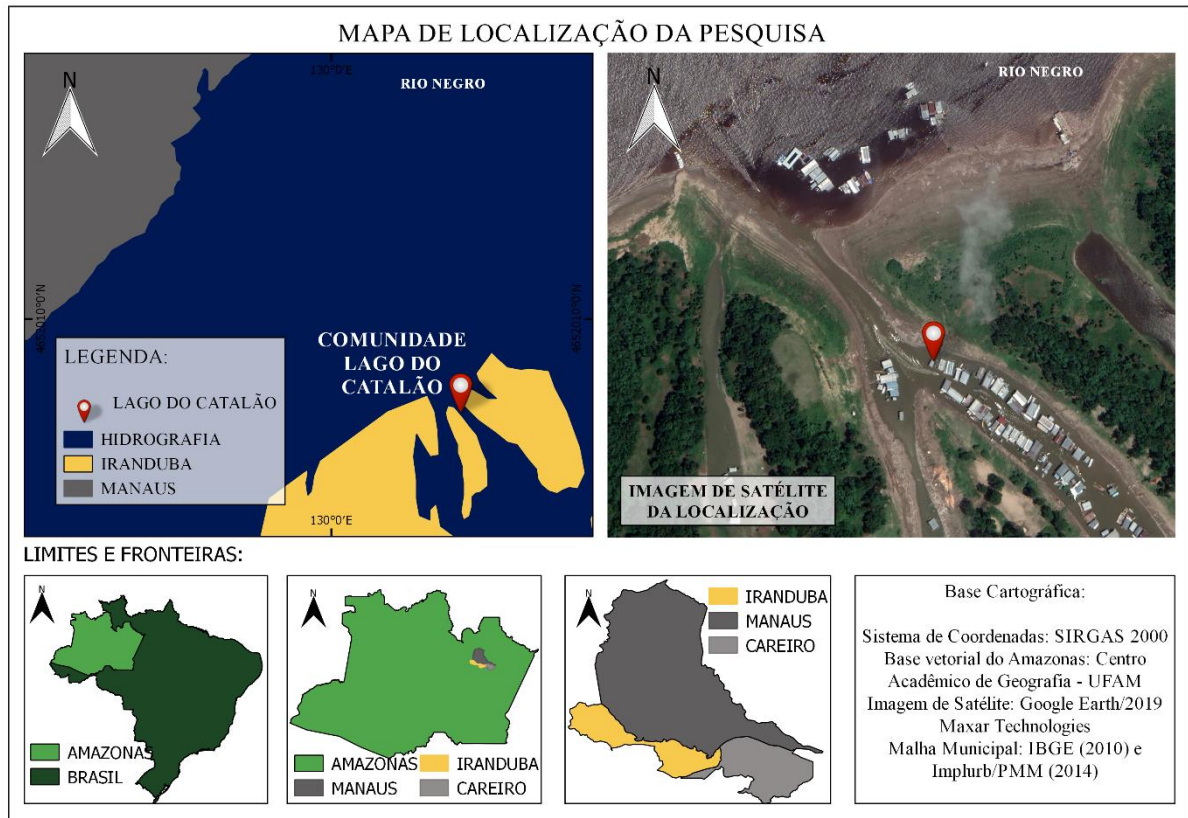
As questões principais que nos nortearam foram: de que forma os modos de vida dos moradores da Comunidade Lago do Catalão são representativos da diversidade epistemológica do mundo? Quais são as estratégias de adaptabilidade dos moradores a partir do uso do território? Quais são os processos de adaptabilidade de uma comunidade flutuante considerando o território e a territorialização do mundo do trabalho?

Recorrendo à Miriam Goldemberg (2004, p. 14), a pesquisa não se reduz a certos procedimentos metodológicos, mas implica criatividade, disciplina, organização e modéstia. Uma equação deve ser resolvida na trajetória da pesquisa entre o possível e o impossível, entre conhecimento e ignorância. Nossa abordagem foi qualitativa porque entendemos que não seria possível aplicar uma metodologia que não abarcasse a complexidade do fenômeno social. Na abordagem qualitativa, os dados numéricos e subjetivos se imbricaram na teia complexa da realidade de modo complementar. Utilizamos a pesquisa de campo como alicerce dessa abordagem qualitativa.

Sobre o lócus da pesquisa, a comunidade Lago do Catalão pertence ao município de Iranduba-AM. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), o município de Iranduba surgiu como um dos núcleos populacionais na periferia de Manaus a partir da implantação da Zona Franca e do Distrito Industrial.

O município fica distante 25 quilômetros da capital do Amazonas, Manaus, e abriga uma população estimada em cerca de 40 mil habitantes. Segundo dados da biblioteca do IBGE (2009), Iranduba foi o segundo município na lista das maiores demografias do estado. A localização do município permite a existência de dois ecossistemas diversos, e se na orla do Rio

Negro figuram paisagens paradisíacas, praias, cachoeiras e florestas abundantes; ao longo do rio Solimões descortinam-se extensas áreas de várzea com atividades agrícolas, pesqueiras e de contemplação (IBGE, 2009, p. 1).



Mapa 1. Lócus da Pesquisa.
Elaboração: Samara Costa, 2019.

A comunidade localiza-se na planície de inundação do rio Negro em confluência com o Solimões, a cerca de 10 minutos de Manaus, com acesso somente por embarcação. Residem 131 famílias vivendo em casas flutuantes, construídas sobre troncos de árvores de *Hura crepitans L* da família *Euphorbiaceae*¹, popularmente conhecida como açacu, que servem como boias naturais para sustentar as construções. Dentro da água, a madeira dura por décadas. Estas edificações são lugar de moradia, mas abrigam atividades de comércio, uma atividade de turismo que acontece na extensão do lago, caracterizado pela pesca do pirarucu criados em tanques e observação da escola, das igrejas, do centro social que é também a casa de farinha.

A pesquisa foi realizada entre abril de 2019 e março de 2020, com sete visitas que compreenderam momentos distintos da dinâmica das águas. Duas visitas aconteceram em maio,

¹ PINDORAMA FILMES. Açacu. **Um pé de quê?** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.umpedeque.com.br/arvore.php?id=665>. Acesso em: 02 out. 2019.

onde podemos acompanhar o pico da cheia; três visitas foram realizadas em agosto, período de vazante; uma visita em setembro, no pico da seca; e duas visitas em março de 2020, no período de enchente. Os quatro momentos nos revelaram dinâmicas diferenciadas nos modos de vida dos moradores, por delinear a relação com o meio, seja pela territorialização, o mundo do trabalho de formas distintas para cada período. A hominização da várzea é o resultado dessas formas adaptativas em cada período, onde observa-se a intensidade de determinadas práticas como pesca e agricultura como interação a esse devir das águas.

A abordagem teórico-metodológica fundamentou-se na ideia da complexidade proposta por Morin (2005) que critica o reducionismo do pensamento moderno e preconiza a análise do real a partir de matrizes pluralizantes e inclusivas. Assim, este estudo é um exercício teórico-empírico de compreensão do real nas suas múltiplas interações da teia existencial que compreende a vida dos moradores do Lago do Catalão; buscamos orientar nosso olhar de modo a não dissipar a complexidade dos fenômenos, não reduzi-los a uma lógica disciplinar do conhecimento, mas pensá-los a partir dessa teia complexa de produção de saberes resultantes dos processos adaptativos.

Iniciamos pela pesquisa bibliográfica que instrumentalizou nosso olhar, nos colocando em contato com o que já havia sido produzido sobre o assunto, encurtando a aproximação da pesquisa de campo a partir de mapas, artigos científicos e comunicações, o que subsidiou teórico-conceitualmente nosso trabalho na habilitação para a análise de dados e na construção do texto da dissertação.

A fim de entender melhor os modos de vida na comunidade Lago do Catalão utilizamos a técnica da observação direta, abordagem utilizada para perceber as múltiplas dimensões dos modos de vida construídos nas dinâmicas social, cultural e ambiental dos moradores. Por meio da observação direta tivemos uma visão de parte e do todo, o que permitiu, na medida do possível, o desvelamento da realidade investigada. Complementamos esta técnica com entrevistas semiestruturadas para completar o entendimento a partir das falas dos sujeitos sobre os modos de vida da comunidade do Lago do Catalão que não podiam ser captados de forma razoável apenas por questionários fechados. A complexidade ali existente nos forçou à utilização de técnicas que clarificassem melhor essas dinâmicas.

Para fins de sistematização do trabalho de campo inicialmente definimos 12 participantes divididos em dois grupos. O primeiro, formado por duas lideranças comunitárias da Associação Comunitária Agrícola Lago do Catalão com objetivo de compreender como ocorre o processo organizativo da comunidade e as motivações que orientam as tomadas de

decisão, assim como as demandas coletivas que chegam à associação. O segundo grupo composto por moradores com residência maior que três anos na comunidade, maiores de idade que aceitaram participação voluntária e que não tinham se afastado da comunidade por um período maior que seis meses, sendo também critério de escolha pessoas que exercem diferentes atividades na comunidade, como pesca, agricultura, turismo, atividade profissional especializada formalmente, artesãos e coletores. Das oito pessoas entrevistadas, consideramos pertinente para usar na dissertação a fala de seis, em virtude da saturação de respostas (repetição excessiva) ou mesmo em virtude da escassez de informações sobre os aspectos investigados. Estas entrevistas estão organizadas no corpo do texto. Na parte anexa estão os documentos exigidos pelo Comitê de Ética. O critério de relevância nas escolhas dos sujeitos se justifica pelas suas experiências e vivências nas dimensões de vida da comunidade.

Também fizemos uso de registros fotográficos que foram utilizados largamente em vista do apelo imagético que, para nós, representaram de forma significativa os modos de vida dos moradores da comunidade do Lago do Catalão, respeitando os aspectos éticos da pesquisa.

Esta técnica foi fundamental para análise e construção do texto final, porque a própria paisagem mudou no decorrer da investigação revelando a dinâmica do ambiente e como os moradores vão traçando e aplicando suas estratégias de adaptabilidade. Os registros fotográficos não foram apenas registros estéticos, mas embasaram como os modos de vida se apresentavam na dinâmica do devir das águas. Os momentos que mais utilizamos os registros foram nas observações realizadas no período de vazante quando acompanhamos o trabalho do plantio de mandioca e outras espécies como batata doce, cará, pimenta de cheiro e jerimum. Ali pudemos acompanhar o processo do início ao fim, onde percebemos as dificuldades em termos de distância entre a residência e o roçado, acesso da embarcação, o calor excessivo em função da sensação térmica maior devido a evaporação da água da terra lamacenta da várzea.

A coleta dos dados se deu através da observação direta, após os protocolos de ética de pesquisa serem devidamente alcançados. Também foram utilizados como instrumentos de registro fotografias e o diário de campo. Já as entrevistas semiestruturadas foram gravadas em áudio, após assinatura do termo de consentimento esclarecido por parte dos entrevistados e transcritas para posterior análise.

Os momentos das entrevistas foram extremamente ricos, pois nos colocaram com o passado, presente e futuro dos moradores, suas trajetórias de vida até a comunidade, suas lutas diárias, seus sonhos.

Resultante deste percurso metodológico produzimos três capítulos. O primeiro é intitulado “Diversidade epistemológica do mundo: como pensam os moradores do Lago do Catalão”, cujo objetivo era localizar o debate sobre a diversidade epistemológica do mundo e como a produção social dos saberes dos moradores do Lago do Catalão é experiência representativa de que não há um conhecimento unificador sobre a vida. Ainda neste capítulo fazemos uma reflexão sobre a episteme produzidas nos diversos processos adaptativos nos quatro momentos do devir das águas no Lago do Catalão, considerando a refinada elaboração e cálculo dos procedimentos necessários para realização da pesca, da agricultura, das práticas recreativas.

O segundo capítulo intitulado “O Devir Das Águas: as estratégias de adaptabilidade dos moradores da comunidade Lago do Catalão” mostra os diversos modos de adaptabilidade ao ambiente físico e os saberes gerados dessas estratégias, principalmente na moradia. A transformação do espaço em lugar, seja na relação com a casa e os modos de vida subjacentes dessa relação, as mudanças dos flutuantes segundo o movimento de cheia e vazante do lago e por fim, uma nota sobre a dimensão simbólica das águas na vida dos moradores.

O terceiro capítulo tem como título “Esse é o meu lugar: modos de vida dos moradores da comunidade Lago do Catalão” e mostra como os modos de vida são construídos a partir da vivência no mundo do trabalho. A partir de uma breve compreensão das abordagens teóricas sobre espaço, lugar, território, territorialização, apresentamos os modos de vida nas principais atividades que configuram o mundo do trabalho para os moradores como o plantio, a pesca, a produção da farinha e de pé-de-moleque.

Os resultados alcançados mostram a diversidade epistemológica dos moradores da comunidade Lago do Catalão nos seus saberes e fazeres, nas dimensões do trabalho e da cultura de modo geral, espalhada nos fazeres do cotidiano. Os modos de vida urbano são absorvidos em certa medida, principalmente nos hábitos de consumo tecnológicos; no entanto a intervenção dos moradores na paisagem mostra que a lógica que orienta suas práticas está ligada mais ao tempo da natureza. A produção de uma epistemologia ambiental é intrínseca às construções e manejos dos flutuantes, ao modo de produção de alimentos, à pesca artesanal, compondo assim uma forma diferenciada do uso dos territórios que subjaz a lógica de produção capitalista.

CAPÍTULO 1 – DIVERSIDADE EPISTEMOLÓGICA DO MUNDO: COMO PENSAM OS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO

A comunidade Lago do Catalão pertence ao município de Iranduba-AM. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), o município de Iranduba surgiu como um dos núcleos populacionais na periferia de Manaus a partir da implantação da Zona Franca e do Distrito Industrial. A passagem de Iranduba para município autônomo aconteceu em 1981 sendo um dos destaques o fato de o mesmo ser o único localizado hoje entre os rios Negro - de águas escuras e praias de areia branca - e Solimões - água barrenta e possuidor de rica vida animal.

Os rios Negros e Solimões forma o maior rio do planeta. O município fica distante 25 quilômetros da capital do Amazonas, Manaus, abrigando uma população estimada em cerca de 40 mil habitantes, sendo o segundo município na lista das maiores demografias do estado. A localização do município permite a existência de dois ecossistemas diversos, e se na orla do Rio Negro figuram paisagens paradisíacas, praias, cachoeiras e florestas abundantes; ao longo do rio Solimões descortinam-se extensas áreas de várzea com atividades agrícolas, pesqueiras e de contemplação (IBGE, 2009, p. 1).

Este estudo nasce de dois processos, o primeiro de inquietação sobre o lugar onde vivemos, a Amazônia. Aberta ao mundo, sobretudo aos europeus, no período que identificamos como colonial, os séculos XVI e XVII, a região viveu sob franca exploração e ocupação resultante do capitalismo, submissa às dinâmicas de crise, expansão e crescimento. No entanto, do ponto de vista social, político e econômico permaneceu esquecida para o Brasil (LOUREIRO, 2015). Este esquecimento produziu silêncios e silenciamentos pelo domínio cultural, pela violência, pela negação de todas as ordens.

O segundo processo é um desdobramento do primeiro, porque à medida que descortinamos aspectos da cultura tendemos a valorizá-la, na perspectiva de que o registro e a memória trazem à luz o que estava esquecido. Mas por onde começar essas rupturas? Talvez revisitando questões mais gerais sobre a constituição de uma ideia sobre a Amazônia como o fez Neide Gondim (2007) falando sobre a “invenção da Amazônia”, procedendo uma crítica sobre as visões estereotipadas de uma natureza intocada (DIEGUES, 2001) para pensarmos os processos ambientais na Amazônia, na crítica de visões mais perniciosas de um novo eldorado (GONDIM, 2007). No entanto, a crítica aos fundamentos da ciência moderna de forma a evidenciar que o esquecimento da Amazônia esteve e está inserido no processo de dominação

fomentado no construto epistemológico da ciência arrogante, que cinde o homem da natureza e o coloca na posição de dominador nos parece uma via possível para iniciar este trabalho.

Muitos estudos já foram produzidos e muitas rupturas realizadas em termos de compreensão das dimensões do trabalho, dos costumes, dos movimentos sociais, de territorialidades das populações da Amazônia; a que elegemos neste estudo é o conhecimento dos modos de vida em uma comunidade de várzea na Amazônia, Comunidade do Lago do Catalão. Retomando elementos centrais da crítica à ciência moderna engendradas por muitos pensadores, dentre eles Morin (2005, 2015), Santos (2002, 2010) e Leff (2001), porque entendemos que conhecer significa refletir sobre o próprio conhecimento, identificar as dimensões filosóficas e sociais.

1.1 EPISTEME E DIVERSIDADE EPISTEMOLÓGICA DO MUNDO

As culturas da Amazônia ainda não são compreendidas e existe um certo confinamento similar a tantas epistemologias produzidas nos países do hemisfério sul, como Santos (2002; 2009; 2010) tem denunciado em suas obras. Essa proscrição a uma espécie de marginalidade que muitas vezes é tolerada e compassiva pode ser atenuada à medida que os estudos destes processos criativos de relação com o ambiente sejam multiplicados numa esteira crítica de conceitos e categorias. Evidenciar a diversidade epistemológica do mundo nos remete ao cotidiano dos moradores desta comunidade, tratando-se de uma reflexão sobre conhecimento, ambiente e cultura a partir de categorias fundamentais para a compreensão dos seus modos de vida.

A academia foi a porta de entrada que nos conduziu ao Lago do Catalão, quando debatemos sobre a crítica que diversos pensadores fizeram às estruturas do conhecimento científico moderno, marcado pela disciplinarização, reducionismo e negação dos saberes que não seguiam o paradigma científico da razão absoluta. No momento em que conhecemos a comunidade e seus moradores, essa reflexão tornou-se potente por nos depararmos com um campo experiencial de saberes espalhados nos cotidianos marcados pelas águas. Nas conversas conduzidas pelo leve balanço dos flutuantes, no banheiro das águas, os saberes aparecem o tempo todo nos fazeres do dia-a-dia aparentemente de modo natural e não pensado. À medida que nos debruçamos na compreensão destes fazeres, observamos que o fundamento epistemológico e a complexidade subjacentes a eles nos desafia refletir como o pensamento

moderno os silenciou.

Vale lembrar a crítica de Santos (2010), que caracterizou o pensamento moderno ocidental como abissal, porque dominou, silenciou ou negou a visibilidade de qualquer conhecimento que não coubesse no paradigma científico. Este pensamento se constitui num sistema de distinções visíveis e invisíveis que se efetiva na produção de uma não-existência do outro. Para o pensamento abissal é impossível a existência de outro conhecimento; ou existe como pensamento moderno ou então não é pensamento válido. Se não está fundamentado na lógica da ciência moderna, não é verdadeiro. O monopólio da verdade institui-se no jogo visível e invisível de exclusão.

O caráter de exclusividade deste monopólio é antagônico, pois a ciência tem um caráter revisional condição que Popper (2001) chamou de falseabilidade, mas também é fruto de crença (ainda que parcialmente). No entanto, o monopólio do conhecimento científico moderno se apropria ontologicamente do que se pretende verdadeiro, manifestando a distinção entre falso e verdadeiro por processos de invisibilidade.

Então, quem está no outro lado da linha? Que tipo de pensamento é considerado não válido?

Se a visibilidade epistemológica foi produzida no seio do pensamento moderno ocidental, tudo fora deste eixo está do outro lado: conhecimentos populares, leigos, indígenas, ribeirinhos, camponeses. Faz-se necessário encarar o conhecimento das múltiplas modulações de nossa cultura – aqui me insiro como sujeito que se espanta e se recoloca em relação ao seu próprio lugar refletir sobre seu esquecimento no limbo das epistemologias colonizadoras, e evidenciar a *poiesis* como capacidade criativa inscrita na vida em todas suas dimensões, que resultou em um sistema cultural singular como afirmou Loureiro (2015) e como possibilidade de conhecimento que não esteja calcado absolutamente na fórmula de dominação da natureza para atender os interesses do capital. Santos (2010, p.16) esclarece que

A epistemologia dominante é, de facto, uma epistemologia contextual que se assenta numa dupla diferença: a diferença cultural do mundo moderno cristão ocidental e a diferença política do colonialismo e capitalismo. A transformação deste hipercontexto na reivindicação de uma pretensão de universalidade, que se veio a plasmar na ciência moderna, é o resultado de uma intervenção epistemológica que só foi possível com base na força com que a intervenção política, econômica e militar do colonialismo e do capitalismo modernos se impuseram aos povos e culturas não-ocidentais e não cristãos.

Debruçar-se sobre a cultura amazônica requer um outro prisma teórico-metodológico que excedam as fórmulas colonizadoras de produção de saber e pela necessidade de olharmos estes saberes desvelando seu valor em si mesma, fazer emergir sua *episteme*². Da várzea, ergue-se a complexidade onde natureza, ambiente e modos de vida estão inscritos nas experiências e estas abrigam um arcabouço de saberes que há muito foram depositados em outro rio, o do esquecimento.

Com as condições que levaram ao acontecimento da Revolução Científica³, a produção intelectual procurou, através das ciências naturais, romper com o inflexível sistema educacional, impondo novos métodos de análise, novas preocupações, um novo conceito de acumulação de conhecimento e uma nova linguagem de entendimento: a matemática. Os modelos disciplinares ocupam o lugar de centralidade na ciência moderna e conduzem nosso olhar sobre o mundo físico, biológico, sociológico ou qualquer outro campo de saber a partir dos métodos de verificação empírica e lógica, aos moldes matemáticos. Para Morin (2015), o arranjo iluminista sobre a razão como luz para as trevas se desdobra em erro, ignorância e cegueira.

Como consequência da produção da ciência clássica houve uma cisão entre conhecimento científico e saberes populares. De um lado, a objetividade, que assegurou ao conhecimento científico status de conhecimento válido e hierarquicamente superior a todos os outros e a subjetividade, elemento que sinalizava uma crença sobre as coisas, e, portanto, deveria ser desconsiderada. Neste sentido, as elaborações sobre homem, natureza, economia, política, cultura, sociedade procuraram seguir a lógica da objetividade, da racionalidade positiva. No entanto considerar que o homem é mais que a razão nos termos cartesianos significa abrir as portas para pensar a dinâmica do conhecimento científico, considerando não apenas as pesquisas realizadas, mas levando em conta que quem faz ciências são homens e mulheres, que a ciência é social. Sobre isto comenta Morin:

Portanto, eis a minha ideia: a objetividade é o resultado de um processo crítico desenvolvido por uma comunidade/sociedade científica num jogo em que ela assume

² O termo *episteme* tem sua origem no grego e diz respeito ao conhecimento verdadeiro e científico (oposto a *doxa*), um corpo organizado de conhecimento, uma ciência (PETERS, 1983). Todavia o sentido de *episteme* que abordamos está fundamentado no resgate de modelos epistemológicos outrora desconsiderados pela soberania epistêmica da ciência moderna. Este é um esforço que objetiva que identidades e culturas que foram, durante séculos, intencionalmente ignoradas pelo colonialismo rompam com esta força dominante e dê voz à novos sujeitos epistêmicos (SANTOS, 2010).

³ Abbagnano (1970) descreve essas condições como: Renascimento das cidades, Renascimento comercial, redescoberta de obras de pensadores, artistas e técnicos da cultura greco-romana.

plenamente as regras.

O conhecimento não é uma coisa pura, independente de seus instrumentos e não só de suas ferramentas materiais, mas também de seus instrumentos mentais que são os conceitos; a teoria científica é uma atividade organizadora da mente, que implanta as observações e que implanta, também, o diálogo com o mundo dos fenômenos. Isso quer dizer que é preciso conceber uma teoria científica como uma construção. (MORIN: 2005, p. 45)

Neste ponto é que identificamos a chave para pensarmos a ideia de paradigmas alternativos. A inserção de elementos subjetivos e “irracionais”, para brincar com o edifício supostamente absoluto da ciência, nos exercita a pensar em práticas e experiências de comunidades ribeirinhas como a do Lago do Catalão. Leff (2002, p. 23) explicita desta forma

Por volta do séc. XVIII transforma-se esta conformação epistêmica do saber. A língua, a vida e o trabalho deixam de ser uma representação da realidade empírica; aparecem como a substância, os princípios e os objetos de certos processos materiais em torno dos quais se organizam seus respectivos campos do conhecimento. Desta forma, rompe-se o espaço unitário da representação como unidade da realidade e do saber. Durante o séc. XIX e início do séc. XX produzem-se as rupturas epistemológicas que fundam o conhecimento científico dos processos biológicos, históricos, linguísticos e inconscientes, questionando o projeto de unificação do conhecimento, da vida, do trabalho e da linguagem.

A investigação sobre os modos de vida de uma comunidade ribeirinha na Amazônia implica a não-particularização das dimensões que constituem essa totalidade complexa, nem subsumir uma dimensão à outra. Esse *dever* da vida que envolve as manifestações religiosas, o plantio, a pesca, a organização política, a moradia, as simbologias para além dos aspectos físicos da natureza, sua dimensão encantada, os conflitos em torno dos territórios, carecem de uma reflexão libertadora, no sentido de não se limitar às amarras disciplinares e tampouco categorias simplificadoras.

A complexidade é fundamento epistemológico fundamental para compreensão dos modos de vida dos moradores do Lago do Catalão, pois não estamos falando apenas do uso de território; estamos nos referindo a um sistema social, cultural e ambiental diferenciado que não absorveu a lógica de vida urbana na sua inteireza, e também não nega seus elementos no seu cotidiano. Não idealizar a várzea na Amazônia, mas sobretudo evidenciar sua racionalidade que está ligada diretamente ao *dever* das águas. Consideramos este esforço necessário para dar maior visibilidade a este sistema.

Socraticamente falando, é necessário trazer à luz, parir outro pensamento, outra epistemologia, que será postulado da resistência política de implantação de outras formas de

vida. E mais uma vez não podemos nos eximir de refletir e evidenciar as experiências de resistência ao modelo epistêmico colonizador. Pensamento que não seja gestado no ventre colonial, que envolva ruptura com as formas ocidentais de pensamento e ação seria traduzido no que Santos (2010, p. 52-53) chamou de epistemologia do sul, não imperial, concebida como metáfora do sofrimento humano produzido sistematicamente pelo colonialismo e pelo capitalismo global em que o outro não seja objeto. Esse enfoque aponta para uma direção onde o homem na sua relação com o ambiente produz saberes não compartimentalizados. Estamos tratando de um lócus de pesquisa onde a relação ambiente-homem-ambiente é determinante no estabelecimento dos modos de vida e deriva suas práticas ambientais numa mútua e contínua interação. Para Enrique Leff

A epistemologia ambiental não é a formalização de um método desenhado para reintegrar e recompor o conhecimento de um mundo globalizado. De maneira tateante, o saber ambiental que nasce no campo de externalidade das ciências, penetra os interstícios das muralhas do conhecimento, desde ali lança novos olhares e, a partir de diferentes perspectivas, vai eliminando certezas, abrindo os raciocínios fechados e circulares que, com sua força centrífuga, projetam o meio ambiente para fora de suas órbitas celestiais. O que unifica estes olhares críticos é a sua exterioridade com relação ao sistema de conhecimentos, sua vocação crítica e antitotalitária, seu inconformismo com os saberes consabidos, o que impede a conversão da crítica em dogma e permite prosseguir indagando o saber desde todas as frentes e todos os horizontes. (LEFF, 2002, p. 18)

É prudente destacar que o desdobramento dessas visões epistemológicas sobre o ambiente é operado também na lógica entre racionalidade ecológica e a racionalidade capitalista por meio de um confronto de diferentes valores e potenciais, arraigados em esferas institucionais, paradigmas de conhecimento e por meio de processos de legitimação com que se defrontam diferentes classes, grupos e atores sociais.

A racionalidade ambiental, segundo Leff (2001, p. 13), não é a expressão de uma lógica, mas o efeito de um conjunto de interesses e de práticas sociais que articulam ordens materiais diversas *“que dão sentido e organizam processos sociais através de certas regras, meios e fins socialmente construídos”*. A racionalidade *“ambiental”* é, afinal, apresentada como *“social”*. Nas práticas de relação/transformação do ambiente se amalgamam e confrontam diferentes racionalidades: a do tipo capitalista de uso dos recursos e a ecológica das práticas produtivas. No Lago do Catalão não é diferente; a desconstrução da racionalidade capitalista requer a construção de outra racionalidade social. A isto chamou Santos (2010) de ecologia dos saberes, pois traz no seu cerne a ideia de uma diversidade epistemológica, o reconhecimento de uma

pluralidade de formas de conhecimento, além do pensamento científico. O conhecimento sobre a água, os peixes, o roçado. Todas as técnicas de intervenção sobre o ambiente não são únicas, mas são um outro conhecimento sobre o mesmo objeto. O conhecimento totalizador dá lugar à diversidade de sentidos que produz sobre a vida e o ambiente.

Leff (2001) aponta o caráter emancipador desta racionalidade ambiental, pois à medida que os processos de emancipação acontecem, bem como a resistência às políticas da globalização e da capitalização da vida, as comunidades vão criando estratégias para cuidar do seu patrimônio ambiental e cultural.

É a partir deste lugar de externalidade e marginalidade que lhe atribui a racionalidade econômica que o paradigma ambiental projeta seus juízos éticos, seus valores culturais e seus potenciais produtivos sobre os efeitos da produtividade e do cálculo econômico guiado pela perspectiva do lucro.

A experiência que o campo nos revelou é que é possível uma racionalidade geradora de saberes sobre o ambiente, sobre a cultura que resiste à totalidade da lógica do capitalismo que insiste em determinar o que é modelo de desenvolvimento, de bem estar e de relação com o ambiente baseada apenas na lógica do hiperconsumismo e da degradação.

Em diversos momentos encontramos nas falas dos comunitários que a qualidade de vida estava no aumento de geração de emprego ou fonte de renda. Devemos ponderar isto em termos de aumento de possibilidades de manutenção da vida. A atividade da pesca é importante, mas não garante a geração de renda para comprar outros produtos básicos. Assim como a produção da farinha e do pé-de-moleque. No entanto, na dimensão do trabalho nas águas ou nas terras, a vivência ao longo dos lagos revela a firme convicção de que o Lago do Catalão é a casa destes moradores e de lá eles não querem sair.

A construção da racionalidade ambiental no Lago do Catalão, é, em certa medida, desconstrutora da racionalidade capitalista, pois as estratégias de adaptabilidade sejam nas edificações, no plantio, na pesca, nas festas, pressupõe uma lógica de integração de vários conhecimentos para lidar com aquele sistema socioambiental tão complexo. Daí a necessidade de problematizarmos o conhecimento fragmentado em disciplinas e a administração setorial do desenvolvimento, a partir dos modelos de vida urbanos. Tudo isto para construir um campo de conhecimentos teóricos e práticos orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza.

Os membros da comunidade empreendem também práticas de conservação para

assegurar os alimentos, a possibilidade de trabalho, o lugar de moradia, mas os elementos que ressaltam estas práticas envolvem outros. Diegues (2000b) explicita que a lógica dos povos tradicionais não segue a racionalidade das sociedades urbano-industriais. Embora saibamos que a relação entre rural e urbano não tenha fronteira demarcada na comunidade, observamos que há um bom senso na adoção de costumes e práticas do modo de vida urbano. Neste sentido a relação com os elementos da natureza é diferenciada:

Na realidade, eles participam de sistemas econômicos diferentes e cada um desses sistemas determina um modo específico de exploração dos recursos naturais e do uso do trabalho humano, assim como o “bom” e o “mau uso” dos recursos naturais, segundo uma racionalidade intencional específica.

Nesse sentido, a parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade social tão real quanto as ações materiais sobre a natureza. (DIEGUES: 2000b, p. 64-65)

Alguns elementos concatenados forneceram uma lente para pensarmos uma via epistemológica emergente nos modos de vida do Lago do Catalão, dentre elas a caracterização das culturas e seus saberes, o uso e aplicação de saberes associados no uso do território numa lógica que considera o ambiente a partir de prismas culturais, sociais, simbólicos e por fim uma concepção mais ampla de vida ligada a uma racionalidade econômica construída a partir de uma relação com o lugar. Para Leff (2002), o redirecionamento sobre o conhecimento, a valorização de identidades locais e seus processos de vivências têm um lugar filosófico-social na medida em que estas experiências desencadeiam novos saberes, propiciam diálogos.

1.2 VIVER É PRECISO: PRODUÇÃO SOCIAL DOS SABERES

As pesquisas sobre as várzeas da Amazônia abarcam tantos aspectos que vão desde a descrição geomorfológica, aos processos de adaptabilidade, uso de território, conflitos etc. Os estudos sociológicos, antropológicos, biológicos, geográficos despontam elucidando a multiplicidade de aspectos dessas várzeas. Iniciaremos pelo aspecto filosófico, aquele localizado na sua essência, a eterna mudança, seu devir que em tradução livre, significa vir-a-ser (ABAGNANO, 2012).

Coloca-se o problema do devir na filosofia desde os pré-socráticos (séc. VII a.C), em especial Parmênides e Heráclito. Para o primeiro, a existência do ser é incompatível com a mudança própria do devir que não passa de ilusão; já para Heráclito, nada é estável, tudo

encontra-se sujeito a um devir feito da metamorfose perpétua das coisas que se move de modo cíclico e realiza a tensão dos contrários. Nas várzeas da Amazônia, esse devir se manifesta às vezes numa aparente permanência de aspectos da cultura, traduzidos nos costumes do cotidiano, nos festejos, na religiosidade, nos hábitos alimentares, mas muito mais pela mudança, seja pela tensão dos contrários da cheia e seca dos rios, seja de aspectos entre o rural e o urbano. Nos pareceu que a seca e cheia dos rios traduzem o *lógos*⁴, sinalizando que há unidade na pluralidade.

A noção de devir como eterno movimento de todas coisas, o vir a ser, é termo escolhido por fazer primeiramente uma referência filosófica a este trabalho, por considerar que o movimento das águas na área de várzea comporta uma multiplicidade no uno, reúne quantidade substancial de movimentos que mudam as paisagens, o trabalho e a vida de um modo geral. Embora a noção de permanência e de que tudo está num lugar onde nada muda, quer sejam costumes, quer seja trabalho ou cultura, a noção de devir das águas lembra o movimento de cheia e vazante, mas também o eterno movimento da própria vida por ser a água elemento de vida para esta comunidade. De modo algum queremos resgatar algum tipo de determinismo geográfico ou de qualquer ordem, mas a percepção dialética da natureza e das sociedades humanas não consegue esconder o resultado contínuo e transformador desta relação.

No devir das águas da várzea vemos brotar a vida nas vazantes pelas terras ricas pelos sedimentos depositados no período de cheia. Vemos chegar a morte pela inundação, observamos a mudança da paisagem pela ação imperativa da natureza, pelas modificações implementadas pelo homem. Esse eterno devir conduz os pensamentos na ilusão da infinitude dos rios, florestas e céu, potencializa a solidão e sacralização da natureza produzindo uma estética do devaneio, do *numinoso*⁵ (LOUREIRO, 2015), mas também produzindo e

4 Esta noção foi fundada por Heráclito de Éfeso (aproximadamente 540 a.C. - 470 a.C.), filósofo pré-socrático considerado o “pai da dialética”. Ficou conhecido na história do pensamento filosófico como o proponente da doutrina do mobilismo universal. O “tudo flui, nada permanece”, afirmação pela qual é comumente sintetizada, constitui o cerne da metafísica. Para o filósofo pré-socrático há um saber especial que tudo reúne e ordena, um saber que reúne em si coisas contraditórias: tudo é um. É sábio afirmar que “Tudo é Um”, saber que esse Um reúne tudo e, no entanto, não significa indeterminação, perda de identidade, confusão. Enquanto conhecimento discursivo, esse Saber distingue cada coisa, segundo sua natureza, preserva assim sua singularidade, coloca em presença opostos como “dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, vigília e sono”. (SANTOS, 1990)
O logos/ saber desvela a diversidade constituinte do universo: o Um em seu âmago é múltiplo, o ser é essencialmente *devir*.

⁵ O termo aparece na obra “Cultura Amazônica: uma estética do imaginário” (LOUREIRO, 2015, p. 60) e diz respeito a atitude sem repouso, mas tranquila do imaginário. O devaneio provoca a interpenetração entre realidades do mundo físico e do mundo surreal, criando uma zona difusa onde a imaginação e o entendimento reproduzem o jogo que possibilita a existência da beleza.

A noção é explicada como parte constituinte do que o autor chama de imaginário amazônico na sua dimensão estetizante. O *devaneio* e o *numinoso* são características do modo singular de criação e recriação da vida cultural que se foi desenvolvendo “emoldurado por uma espécie de sfumato que se instaura sob uma zona indistinta entre

reproduzindo a vida em todas as suas faces.

A imagem do banho no rio é a expressão comum de hábitos cotidianos, mas é também o pertencimento materializado no contato com o rio de todas as formas. Assim, esse aspecto poetizante, apresentado por Loureiro (2005) se perpetua na vida dos moradores do Lago do Catalão.



Figura 1: Menino do Lago do Catalão.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.

A imagem do menino é um recorte do cotidiano de muitas crianças do Lado do Catalão na sua relação com o ambiente. Parece não haver a dualidade homem e ambiente, pois o flutuante é casa, o rio é o quintal e tudo é uma moldura da identidade desses moradores, uma relação simbiótica em todos os hábitos como o banho no rio, ainda que todas as residências possuam banheiros fechados.

A imagem revela ainda a relação íntima e afetuosa com o rio, o domínio mútuo entre menino e água, a *philia* (amizade) com os elementos e a construção simbólica do lugar.

Essa *philia* que é o resultado da compreensão do ambiente se delineia na dimensão do trabalho. Dona Raimunda Viana vive há mais de 25 anos na comunidade e descreve como a o

o real e o surreal. Como elemento que estabelece uma divisão imprecisa, semelhante a do encontro das águas (de cores diferentes) de certos rios amazônicos, como as do Amazonas com o Negro...” (LOUREIRO, 2015, p. 79).

trabalho se alinha nessa relação de interação e entendimento do ambiente.

Aqui em janeiro se usa mais a casa (casa de farinha), mas hoje não tem só a casa de farinha da comunidade, porque não dava conta dos produtos de todos. Quando a água vai subindo tem que ser rápido e aí era um sufoco, essa casa aí ficava alagada de tanta coisa e aí as famílias foram fazendo outras. Hoje a gente tem umas 4 casas de farinha na comunidade, fora essa da associação da comunidade. Quando lá na área do plantio inunda, a pesca fala mais alto, mas a pesca não para aqui, os pescadores profissionais só mudam de lugar, vão buscando os peixes. Nem na cheia a pesca para. Quem vive da pesca nunca para, tem alguns que plantam, mas ele vive da pesca mesmo seja de malhadeira, espinhel, caniço. (Raimunda Viana, 57 anos, líder comunitária)

O conhecimento do ritmo de mudança das águas é fundamental para que a vida seja programada, como em relação ao período que se planta e se colhe, porque não fazer a leitura do ambiente (quantidade de chuvas, por exemplo), implica perder uma plantação. Observamos que é assim que nas dimensões de rios na Amazônia o homem cria e recria a paisagem natural, a existência se manifesta das mais variadas formas.

A episteme impressa na forma com que se lida com os ritmos das águas, implica na elaboração de estratégias eficazes que mantêm a produção para a sobrevivência, mas também modificam a paisagem. Na comunidade, os flutuantes que funcionam como casas de produção de farinha estão dispostos na dimensão do lago principal onde estão localizados a maior parte das residências. São utilizados pelas famílias mediante agendamento.

Nas várzeas, de modo geral, as palafitas são construídas sobre as águas como espécie de casas andantes edificadas nos trechos de terras modificados a cada vazante. As casas flutuantes acompanham o devir dos rios sobre os rios, como é o caso da comunidade Lago do Catalão.



Figura 2: Casa Flutuante.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.

A imagem dos flutuantes na extensão do lago mostra muito desses saberes sociais construídos ao longo do tempo. Na parte física notamos como esse pequeno universo que a é a casa, se adequa em sua estrutura de madeira e troncos de árvores açacu ao movimento das águas e ao trabalho do tempo. Simbolicamente, os flutuantes são o espaço dos “devaneios”, das contemplações sobre o rio – é o espaço afetivo, um microcosmo em trecho de água que ora dita os movimentos da casa, ora é dominado pela casa.

Os flutuantes expressam também formas organizativas (geralmente estão dispostos segundo os laços de parentesco entre as famílias), relações de solidariedade, tensões de muitas ordens, a construção de identidades e algumas formas de identificação.

Muitos aspectos da vida estão localizados nos lagos onde se faz a pesca, fonte de parte dos alimentos e do devaneio ao observar a imensidão natural, a esteticidade desse imaginário amazônico como observou Loureiro (2015). No lugar de moradia, onde ficam os flutuantes, esse sistema de relações sociais processa-se nos espaços de sociabilidade: na escola, na associação, nas moradias, no campo de futebol, nas canoas, rabetas, voadeiras e lanchas.

A Associação Agrícola Lago do Catalão é a esfera dos debates e decisões fundamentais sobre a vida em comunidade: desde a quantidade de flutuantes adequada para o ambiente (segundo critério determinado pelos próprios moradores), a manutenção da rede elétrica, o uso dos espaços comuns como a casa de farinha e as terras de várzea para plantio, o descarte dos

resíduos.

Mas como podemos caracterizar a comunidade Lago do Catalão? É mesmo uma comunidade? Que tipo de comunidade é?

Podemos aferir que nos estudos sobre comunidade existe predominantemente duas perspectivas, a saber, os debates clássicos que partem da distinção entre comunidade e sociedade, tendo a comunidade como características a homogeneidade, a base territorial e o sentimento de localidade. As discussões mais atuais vão na direção de considerar também as diferenças individuais, além da base territorial não ser critério essencial para sua existência, já que é possível pertencer a uma comunidade mesmo à distância.

Em várias regiões brasileiras o termo “comunidade rural” é usado para designar um grupo de pessoas que vive nas áreas rurais (em oposição às áreas urbanas) e que partilham dos mesmos costumes, tradições, festas. Na região Norte, registra-se o uso com maior ênfase desde a década de 70, popularizado a partir do movimento da Igreja Católica denominado Comunidades Eclesiais de Base (CEB)⁶, embora este não seja o fundamento do surgimento da comunidade, o sentimento de localidade se amalgamou com estes processos de evangelização e reforçou o sentimento de coesão social.

Tönnies (1973) considera que as principais características da comunidade residem no estabelecimento da coesão social e de relações recíprocas, partilhando condições básicas de uma vida em comum, geralmente fundadas nas relações de parentesco, amizade e vizinhança. O autor buscou explicitar as distinções entre comunidade e sociedade, onde a primeira estaria baseada, primeiramente, nas relações de sangue, e posteriormente, pela aproximação espacial e espiritual.

A família é considerada a fonte e a origem das comunidades, mas, além dos laços de parentesco, pondera-se que os laços de amizade e vizinhança também são fundamentais para a vida comunitária. O parentesco relaciona-se aos laços de sangue e à vida comum em uma mesma casa ou em casas diferentes. A vizinhança caracteriza-se pela vida em comum, em que a proximidade contribui para um sentimento mútuo de confiança e solidariedade. A amizade está ligada aos vínculos criados nas condições de trabalho ou no modo de pensar.

⁶ As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgiram no Brasil como um meio de evangelização que respondesse aos desafios de uma prática libertária no contexto sociopolítico dos anos da ditadura militar e, ao mesmo tempo, como uma forma de adequar as estruturas da Igreja às resoluções pastorais do Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965. Cf. PORTAL DAS CEBS. **História da Ceb's**. Disponível em: <http://portaldascebs.org.br/historia-das-cebs>. Acesso em: 02 out. 2019.

(TÖNNIES,1973).

Observamos que estas características de pertencimento comum, compartilhamento e coesão social estão presentes no Lago do Catalão, em gestos simples como quando um indivíduo enuncia que há ajuda mútua nos trabalhos como roçado, pesca, na própria auto identificação dos moradores como “a gente da comunidade”, ou ainda quando outro afirma que estão organizando um bingo em prol da comunidade para construção de determinada coisa ou mesmo quando alguém faz um pedido de empréstimo de um alimento, utensílio. Há uma auto representatividade expressa na fala, mas há uma expressão real da vida em comunidade.

No Lago do Catalão também fazem parte da comunidade pessoas e famílias que sequer se conhecem. Smith (1971) afirma que as pessoas que abrangem uma determinada comunidade pode ser muito diferentes em suas características e bastante individualistas em muitas de suas atividades. Regra geral, o observamos é que os moradores do Lago do Catalão têm suas divergências políticas quanto às decisões que envolvem a comunidade, ligadas à geração de renda e à manutenção da rede elétrica. Mas há também o senso de pertencimento tão grande que protege uns aos outros, na fala, nos cuidados com a segurança etc.

Existem contradições na comunidade bem como famílias ou indivíduos que não têm nenhuma afinidade com os demais, exceto pelo fato de residirem no mesmo território, dependerem das mesmas instituições e agências para a satisfação de suas necessidades básicas. Isto não invalidaria o critério, que pensamos, seja imperativo, a auto identificação e os modos de vida fundadas em relações de solidariedade e sentimento de pertencimento com a localidade, mesmo que identifiquemos características da segunda abordagem, ou seja, essas comunidades rurais são dinâmicas, com influência de fatores internos e externos.

A comunidade do Lago do Catalão também se insere nos conceitos de comunidade tradicional, pois a síntese sobre as culturas tradicionais e comunidades tradicionais, têm como características gerais a dependência ou simbiose com a natureza e recursos naturais, base para se construir um modo de vida diferenciado das culturas urbano-industriais. Isto implica num conhecimento profundo sobre a natureza, principalmente seus ciclos, para que se elaborem estratégias de manejo, garantia da produção e reprodução social das populações. Essa elaboração acontece, pois, existem territórios de uso comum, como lagos, florestas etc. (DIEGUES, 2000a).

As demais características dizem respeito a: baixa acumulação de capital, importância dada às relações familiares, valorização de simbologias e mitos, tecnologia relativamente

simples e autoidentificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura diferente dos outros (DIEGUES, 2001, p. 88).

A comunidade Lago do Catalão está muito próxima da área urbana de Manaus, cerca de dois quilômetros em linha reta ou 10 minutos de embarcação tipo “voadeira”⁷, mais usual pelos moradores, turistas, visitantes. Embora encontremos muitas das características descritas por Diegues (2000a), é válido lembrar que a ideia de comunidade tradicional também se associa aos diversos conceitos de identidade e o conhecimento dos modos de vida dos sujeitos; as formas de uso do território também revelaram que a identidade do catalãohoense é ribeirinha. A título de breve nota lembramos que a legislação brasileira por meio do Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, define que os Povos e Comunidades Tradicionais são

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007, art 3º, I)

Ainda segundo a legislação, são considerados povos e comunidades tradicionais: Povos Indígenas, Quilombolas, Seringueiros, Castanheiros, Quebradeiras de coco-de-babaçu, Comunidades de Fundo de Pasto, Faxinalenses, Pescadores Artesanais, Marisqueiras, Ribeirinhos, Varjeiros, Caiçaras, Praieiros, Sertanejos, Jangadeiros, Ciganos, Açorianos, Campeiros, Varzanteiros, Pantaneiros, Geraizeiros, Veredeiros, Caatingueiros, Retireiros do Araguaia, entre outros.⁸ Inferimos de forma dedutiva que a terminologia ‘ribeirinho’, talvez se aproxime mais do contexto de vida dos moradores do Lago do Catalão, pois apresenta elementos significativos de identidade que vão ao encontro daqueles que observamos inicialmente. Lembram Fraxe, Witkoski e Miguez (2009, p. 30):

Em primeiro lugar, é preciso entender que os povos da Amazônia não vivem isolados

⁷ A voadeira é uma embarcação movida a motor com estrutura e casco de metal, geralmente alumínio, a maioria composta com motor de popa. É largamente utilizada no transporte fluvial sendo um meio de transporte bastante comum na Amazônia, no Cerrado brasileiro e no Pantanal. Esse tipo de embarcação é utilizado como auxílio em portos fluviais, ancoradouros ou até mesmo em grandes embarcações fluviais, sendo que esta é uma embarcação leve e que pode ser transportada com facilidade. É uma embarcação bastante semelhante ao esquife, sendo que a voadeira é adaptada apenas para águas interiores tais como rios, lagos, lagoas, áreas alagadas e represas.

⁸ MORIM, Júlia. Povos e Comunidades Tradicionais. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1052%3Apovos-e-comunidades-tradicionais&catid=50%3Aletra-p&Itemid=1. Acesso em: 21 nov. 2020.

no tempo e no espaço, pelo contrário, sempre estabeleceram — e continuam a estabelecer — relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com as comunidades vizinhas e com os agentes mediadores da cultura, entre o mundo rural e o urbano e a vida em escala global. A Amazônia nasce e se desenvolve no âmbito e nos dilemas da moldura da civilização euroantropocêntrica. A ideia de que esses povos sustentam um modo de vida estritamente tradicional não deve ser considerada, tal como se vivessem de modo estático e congelado. Suas manifestações culturais e sociais se expandem pelo mundo urbano e vice-versa, assimilando algumas práticas e rejeitando outras. Ainda que reproduzam manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas, não podemos afirmar que esses grupos sociais não estejam inseridos em um processo progressivo de diferenciação e transformação.

Segundo estes autores, para compreender os diversos grupos sociais da Amazônia é preciso desvelar seu cotidiano, levar em conta as contradições que se manifestam nas suas práticas culturais. Completam:

Entender o modo de vida dos grupos sociais que habitam a Amazônia não significa apenas conhecer e descrever a riqueza dos seus recursos naturais, mas, sobretudo, compreender seus vastos territórios. É preciso perceber que, para além da paisagem natural, harmônica e romântica, há paisagens socialmente construídas repletas de contrastes e contradições. (FRAXE; WITKOSKI; MIGUEZ, 2009, p. 30)

O conceito de identidade consubstancia a ideia dos modos de vida. Uma clara marca da modernidade, como já discutimos neste texto, está no conjunto de mudanças radicais na lógica da produção, validação e legitimação de saberes que implica diretamente em processos contemporâneos de interrogação sobre os sujeitos e sua condição imutável postulada pela razão moderna – isto tem sido comumente chamado de crise de identidade.

Hall (2005) traz a análise de três concepções de identidade, a saber, o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O primeiro, caracterizado pelo nascimento e morte da identidade sem alterações estruturais, sendo esta considerada a essência do eu. O segundo, concebe a ideia de que a identidade não era autônoma, sendo transformada nas relações sociais e interações culturais. O terceiro é o resultado dos processos de mudança cultural ocorridos no final do século XX, que resultou na fragmentação das relações sociais e das referências culturais, deslocando os polos indivíduo-sociedade de forma constante.

Nesta esteira de transformação surge o sujeito pós-moderno, que deve lidar com o caráter provisório e fragmentário dos seus pontos de referências culturais, tornando a identidade também provisória e incerta (HALL, 2005, p. 13). O autor, ao se referir ao sujeito pós-moderno, afirma que identidade neste sujeito é uma celebração móvel.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2005, p. 13).

Hall (2005) afirma que a essencialização das diferenças é uma ação que não se separa de seu aparente oposto, a homogeneização das identidades pela modernidade e pelo capitalismo global. O confronto entre culturas não é algo necessariamente novo, mas a expansão do capital a partir do colonialismo até o advento da modernidade produziu um panorama novo, no qual a luta política deslocou-se para a cultura, ou pelo menos passou a figurar como elemento difícil de delineamento. Marcar a identidade pela diferença é movimento constante nas sociedades contemporâneas e que deve ser analisado sob muitos aspectos para não se correr o risco de marcar a diferença pelo prisma colonial.

Na Amazônia categorias de identidade como caboclo, ribeirinho, povos das águas guardam uma complexidade muito grande, pois muitas delas surgem como definição negativa e estereotipada destes sujeitos. A categoria ‘caboclo’, em especial, está inserida no processo de construção de uma identidade nacional, mas como negação de uma identidade indígena e exclusão de uma identidade branca (RODRIGUES, 2017).

A institucionalização do conceito é também problemática porque não dá conta da realidade no que tange aos aspectos identitários de cada povo. Tentar definir uma identidade apenas pelos seus aspectos jurídicos significa reduzir a importância da voz de quem deve falar por si mesmo, porque às vezes determinada identidade é negada ou adotada segundo critérios que não tem a ver com a forma como os sujeitos se veem, mas como é determinado institucionalmente ou por interesses econômicos e políticos.

Nas várias falas dos ribeirinhos, encontramos a autorrepresentação

Eu me considero ribeirinho porque eu moro lá, né [Catalão], apesar de tá próximo da cidade, dez minutinhos perto da cidade. Eu tenho costume da pesca, de comer peixe. Vivo 30 anos lá e não tenho vontade de sair de lá, de lá eu só saio morto. Lá é muito tranquilo, eu gosto demais de lá. (Edilson Alves Viana, 41 anos, trabalhador da cooperativa aquaviária)

Na identidade atribuída...

Sou uma comunitária ribeirinha, porque sempre onde a gente vai, as pessoas tratam a gente assim. (Rosa Lima, 71 anos, doméstica)
 Devido a nossa moradia ser em cima das águas, a gente querendo ou não tem que se adaptar como ribeirinho. Mas aqui tem casa que não tem diferença das casas de Manaus. Tem pessoas que tem ar-condicionado, internet fixa, wifi, geladeira. Só não tem quintal, nosso quintal é o rio. (Francisco Edson, 31 anos, prestador de serviço na escola da comunidade)

Em vista do tipo de comunidade e dos traços identitários do Lago do Catalão, vamos utilizar o termo *moradores* para identificar os ribeirinhos da comunidade em função do que observamos na literatura e na própria fala dos ribeirinhos. O termo não é isento, mas inclusivo, até daqueles que não se identificaram como ribeirinhos.

A produção social dos saberes se dá nas dimensões da cultura, do trabalho e da educação. Na dimensão do trabalho, observamos com mais veemência esses saberes materializados na simbiose com a natureza física. A compreensão do devir das águas nos pulsos das enchentes, cheias, vazantes e secas desenvolve processos adaptativos ímpares. Podemos dizer que os moradores têm parâmetros ecoprodutivos, ou seja, formas que buscam reduzir a destruição ecológica. Por exemplo, na pesca, através do uso racional de arreios mais artesanais ou de menor impacto à vida dos peixes e dos próprios lagos. No entendimento de Leff (2001, p. 75-76)

É nas comunidades de base e em nível local que os princípios do ambientalismo tomam todo o seu sentido como potencial produtivo, diversidade cultural e participação social, para a construção dessa nova racionalidade produtiva. Este processo propõe o caráter específico e irredutível dos processos materiais, como também das formas de significado cultural que definem o potencial ambiental do desenvolvimento.

Parece haver um entendimento de que os recursos têm seu tempo para produzir e se regenerar, em respeito ao tempo da natureza, embora essa não seja a postura de todos os moradores. O lixo é emblemático dessa postura sobre o ambiente.

Agora foi feito uma lixeira pra todo mundo jogar o lixo lá, mas aqui tem gente nojento mesmo, que joga lixo no rio. Aqui a gente tocava fogo, mas agora já dá pra colocar no flutuante que é lixeira.
 Apesar de a gente não beber água daqui, não pode jogar lixo porque a gente lava roupa, lava uma louça né. Tem que ter consciência. (Rosa Lima, 71 anos, doméstica)

A gestão dos espaços de uso comum como lagos, terras de plantio e a própria área onde

estão localizados os flutuantes é orientada por uma lógica comunitária, implicando também num senso ético-ambiental que foge à lógica da propriedade privada. Geralmente os flutuantes são dispostos segundo a própria afinidade dos moradores entre si. É comum que vários núcleos familiares procurem colocar seus flutuantes próximos aos dos parentes.

Na concepção de uma ecologia dos saberes se reconhece os limites internos e externos. Esses limites dizem respeito às formas de intervenção no real, o respeito do tempo ecológico (interno), mas também diz respeito às formas de alternativas de intervenção nesse real a partir de outras formas de conhecimento. Nas práticas cotidianas, pescar determinada espécie e não insistir em pescar as espécies que estão no período de reprodução, não significa apenas garantir o alimento daquele peixe para os próximos meses, mas a compreensão que a extinção de uma espécie significa também a desordem de outros elementos no ambiente. O peixe que falta para o homem, é o mesmo peixe que falta para um peixe predador da espécie que deixou de existir. Não desmatar significa não apenas preservar determinadas espécies vegetais, como igualmente significa manter a existência de todos os elementos que dependem dessa espécie num sistema que se retroalimenta de si mesmo.

No pico da cheia, como vocês se alimentam?

A gente dá nosso jeito, compra algumas coisas na cidade, pesca. Eu sou uma que gosto de pescar, me meto nesses igapós, meu irmão também pesca.

Como a senhora pesca?

Eu saio 7 horas, uso malhadeira, caniço. Meu irmão flecha, arpoa. Aqui todo mundo tem sua canoa, não tem barco grande. A gente coloca caixa com gelo na canoa e quando enche a gente vai vender lá pela Panair.

Aqui no lago só dá peixe de escama, lá no rio só peixe liso. (Rosa Lima, 71 anos, doméstica)

A característica maior da ecologia dos saberes é um pragmatismo epistemológico (SANTOS, 2010), que no caso deste estudo encontra na vida dos ribeirinhos a elaboração de um sistema de intervenção a partir de suas práticas adaptativas. O termo adaptar não é uma mera acomodação com o ambiente, é uma integração às vezes harmoniosa, às vezes com mais dificuldade. Ao perguntar como determinada moradora enfrentava os dias de temporais, ela respondeu com um sorriso que expressava sua sabedoria sobre o ambiente: *a gente já constrói o flutuante, a gente já pensa um pouco nisso, nos temporais a gente reforça a amarração* (Raimunda Viana, 57 anos, líder comunitária)

No período da seca se torna mais dificultoso, nosso transporte pra ir até Manaus no

porto da Ceasa, fazer compras...a trajetória se torna mais longa porque quando veda aqui a entrada a gente tem que vim numa embarcação ai deixa aqui dentro, aí anda mais ou menos 20 minutos e depois pega outra embarcação, atravessa. Sem falar de carregar outros materiais, água, compras, garrafões. (Francisco Edson Silva, 31 anos, prestador de serviço na escola da comunidade)



Figura 3: Casa flutuante.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019

A imagem do flutuante no pico da seca esconde as dificuldades vivenciadas nesse período, porque os processos de adaptabilidade também passam por uma esteira social de oferta de condições pelo serviço público. Na cheia a facilidade de locomoção viabiliza que o abastecimento de água ocorra com regularidade, mesmo que isso só aconteça pelo transporte dos garrafões que vêm de Manaus. No pico da seca, as dificuldades se acentuam porque os flutuantes ficam sobre a terra seca e faz-se necessário andar quilômetros carregando a água própria para consumo.

A questão da água continua sendo um grande desafio para os moradores do Lago do Catalão, nota-se um anseio por uma estação de água que possa ser adaptada em um flutuante que pudesse contemplar as necessidades da comunidade.

A construção social dos saberes dos moradores da comunidade só acontece na profusão com esse ambiente que é hostil e íntimo ao mesmo tempo. Hostil quando no período de seca, obriga os moradores a andar quilômetros e ainda navegar para ter acesso a água potável, ou no imenso calor nos dias de plantação, nos dias em que a pescaria não foi boa; íntimo quando ir ao quintal significa se refrescar na água, quando a pesca é farta ou ainda quando a terra responde com as mandiocas mais robustas.

As imagens abaixo mostram que não há estratégias de adaptabilidade sem uma cognição

sobre o ambiente. A construção de canteiros ‘medicinais’, a plantação de árvores frutíferas como bananeira e mamoeiro, o cultivo de hortaliças para atender as necessidades alimentares dos moradores, segue o devir das águas. Os canteiros podem ser movimentados conforme a pulsão de enchente e vazante dos rios, e os moradores fazem uso de técnicas diferenciadas para manter o cultivo por longos períodos nessa condição flutuante.



Figura 4: Canteiros flutuantes com espécies medicinais, hortelã, babosa e capim santo.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019



Figura 5: Canteiros adaptados com árvores frutíferas (banana e mamão), verduras e plantas medicinais.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.

Esses saberes também nos informam que precisamos desfamiliarizar com a monocultura do pensamento ocidental para adquirir a capacidade de ouvir, sentir e fundamentar teorias e

práticas novas. Talvez daqui a alguns anos, nasça uma escola de construção de flutuantes no Lago do Catalão, ou passem a ensinar como é possível criar quintais medicinais sobre as águas a partir dos arranjos. Saberes pertinentes, a ecologia do saber passa ao largo da mera abstração. Experimenta formas de ser considerando, além de tudo, o conhecimento situado culturalmente, mas lança ao homem o desafio de construção de diferentes conhecimentos.

Por fim, as reflexões deste capítulo confirmam que as experiências espreiadas nos modos de vida dos moradores do Lago do Catalão reúnem elementos bases de uma epistemologia não forjada num subjetivismo teórico da racionalidade ocidental, guardando estratégias criativas e eficazes de intervenção sobre a paisagem natural. Longe de essencializar estes modos de vida, também nos deparamos com práticas predatórias ao ambiente físico; portanto, consideramos que a diversidade epistemológica dos moradores contribui para pensarmos os modelos de produção do saber que invisibilizam os demais saberes do mundo.

CAPÍTULO 2 – O DE VIR DAS ÁGUAS: AS ESTARÉGIAS DE ADAPTABILIDADE DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO

2.1. DE VIR DAS ÁGUAS DA VÁRZEA DO LAGO CATALÃO

A Amazônia tem uma história social, política e econômica marcada pelas cicatrizes históricas da colonização. Suas questões ecológicas giram em torno destes campos e são permeadas de muitas tensões, interesses e manipulações subjacentes ao capital. Não há muito o que se repetir sobre os anos de exploração e degradação do ambiente resultantes destes processos de colonização (econômica, geográfica, cultural, política), mas há que se destacar que as consequências revelaram as faces do abandono.

Nessa configuração dantesca de lutas de toda ordem, os povos da Amazônia construíram suas formas de relação com o ambiente: gestão de território: produção de uma racionalidade ambiental que, em seu cerne, diverge do capital, embora muitas vezes também sucumba a ele; e processos adaptativos encenando esse protagonismo com a paisagem que hoje temos na Amazônia.

Os debates em torno dos processos de adaptabilidade, territorialidades, identidades acompanham o bojo das discussões sobre o ambiente e sustentabilidade ambiental (CAVALCANTI, 2003). A problemática em torno do clima, da escassez de recursos hídricos, da escassez de alimentos e a proposição de um tipo de desenvolvimento que desviasse a rota de colisão entre homem e natureza, revisitou o olhar da academia para campos de estudos que visibilizaram inúmeras investigações sobre os povos ribeirinhos e seus modos de vida (FURTADO 1993; WITKOSKI, 2007; FRAXE, 2004; PEREIRA, 1994), em um claro interesse de evidenciar os desafios, a inestimável produção de saberes sobre o ambiente, as estratégias de adaptabilidade, os problemas sociais e a lógica subjacente à vida dos ribeirinhos.

Ressaltamos ainda que parte significativa das pesquisas sobre sociodiversidade, modos de vida e trabalho na Amazônia nos deram contribuições valiosas no sentido de superar a ilusória percepção de homogeneidade sobre o ambiente humano e físico. Segundo Morán (1990) a heterogeneidade das populações quem habitam a Amazônia reflete a diversidade do ambiente. Diversidade construída no processo histórico de colonização, seja pelas missões ou pela intervenção do Estado. A intervenção das populações mostra as diferenças do ambiente físico no qual se obtém seu sustento físico e espiritual.

Historiando esse processo, é válido lembrar que os europeus do século XVI encontram na Amazônia populações numerosas ao longo dos rios. Neste período os principais impactos foram consequências das missões, epidemias, guerras e conquistas. Na época pombalina, do século XVIII, com a expulsão dos jesuítas e a implantação do Diretório, uma das consequências foram os surgimentos das cidades e povoados na Amazônia, quando houve uma crescente imposição da cultura portuguesa sobre os povos indígenas, o que segundo Morán (1990) deu início à formação de um tipo cultural regional chamado *caboclo*.

Ainda como parte dos acontecimentos que se sucederam no processo de formação da sociodiversidade na Amazônia, na era da borracha no século XIX as populações indígenas passaram a ser minoria na Amazônia. Somado aos processos genocidas e dizimatórios anteriores, epidemias, guerras, a expulsão dos povos indígenas de seus territórios para exploração da borracha foi a tônica deste período. Seguiu-se uma política indigenista inadequada de cerceamento destas populações através das demarcações de reservas indígenas e parques ambientais.

Apesar da recuperação demográfica de alguns grupos, o que foi e é percebido, excluindo-se os olhares romantizados sobre estes povos, é que sua existência e resistência tem significado de diferentes formas, sejam na produção dos saberes, seja nos manejos das espécies animais e vegetais, a conservação da paisagem amazônica. Ainda segundo Morán (1990)

As populações indígenas e caboclas da Amazônia têm se adaptado ao meio ambiente físico amazônico e às forças externas da sociedade colonial e nacional. Os graus de adaptação ao meio ambiente amazônico que cada um tem atingido num momento dado varia, em função das forças históricas, sociais e político-econômicas que as têm influenciado. O manejo de algumas sociedades estará menos acoplado ao ambiente físico do que ao ambiente econômico da sociedade brasileira, enquanto outras terão práticas sofisticadas de manejo ambiental desenvolvidas gradativamente. (Morán, 1990, p. 26)

A adaptabilidade dos grupos sociais que vivem na várzea, e especificamente os que vivem em casas flutuantes, orientam nosso olhar para a compreensão que as relações entre homem e ambiente podem ser observadas num prisma de adaptação ou má adaptação, como sugere Morán (1990), já que o processo adaptativo nunca é perfeito; é interessante observar como os fatores de pressão sobre o homem leva a respostas adaptativas diferentes. Ainda segundo o autor, a relação homem/ambiente se caracteriza por uma dinâmica de uso e conservação, chegando o homem a usar até seu limite, apressando uma resposta do ambiente a esta saturação, como vemos há algumas décadas com a aceleração dos problemas ambientais.

Às vezes este homem, percebe os limites ambientais e molda seu comportamento no uso dos recursos; quando isso não acontece, fome, doenças, pandemias, crise climática, dão respostas ao uso irracional.

Para nos aproximarmos da compreensão dos processos adaptativos explorado por Morán (1990), lembramos o estudo de Sternberg (1998) realizado entre os anos de 1950 a 1953. Sua pesquisa versa sobre o ambiente de várzea na Amazônia, no município do Careiro – AM, na confluência do rio Negro com o Solimões, mais precisamente na região conhecida por Cambixe. Este estudo não se limitou aos aspectos da superfície, mas abarcou aspectos morfológicos, antrópicos, hidrológicos, climáticos, nos dando a ideia de completude sobre o conhecimento do ambiente varzeano. É um roteiro para qualquer investigação que pretenda conhecer a várzea amazônica. Neste sentido, tomamos esta leitura como parâmetro porque foi realizado na mesma área de estudo deste trabalho, referência para ressaltar algumas diferenças que percebemos em relação aos modos de vida dos moradores do Lago do Catalão, que embora estejam cerca de duas horas e vinte minutos de embarcação do Careiro, em tese dividindo as mesmas propriedades do clima, morfologia etc., dão respostas adaptativas totalmente diferentes.

O que diferencia o homem das outras espécies, ainda segundo Morán (1990, p. 27) é seu *considerável potencial adaptativo, baseado em uma plasticidade biológica e cultural capaz de moldar-se ao ambiente*. Assim essa capacidade adaptativa pode ser caracterizada como mudanças físicas e comportamentais geradas pelas mudanças ambientais. Conceito fundamental para entender a relação de um grupo social com o ambiente e por conseguinte seus modos de vida, considerando que essas relações são mediadas pela cultura, pelos saberes produzidos ao longo de sua história social, política, econômica.

Sternberg (1998) apresenta de forma geral e não generalizada, por identificar que há variações nos aspectos climáticos de uma mesma região. Chama atenção para não sermos levados pela falsa ideia de que há completa uniformidade e monotonia no clima da Amazônia; exemplo disto são as famosas friagens registradas na região no período de estudo. Embora haja um alto índice pluviométrico em toda bacia amazônica, as chuvas se distribuem com intensidade distintas pela região, onde se observa que na região da proximidade com o litoral elas são mais intensas do que na parte ocidental da Amazônia (STERNBERG, 1998, p. 8).

O autor ressalta que apesar das chuvas orientarem em algum grau a atividade agrícola na várzea, ela não é determinante, pois ao contrário das áreas onde não há inundação (terra firme), o homem não tem a terra ao seu dispor na várzea. E aí o autor marca a sinalização de

sua pesquisa afirmando que a condução da vida é o resultado da atividade fluvial e humana.

[...] Com efeito, a proposição que sustentamos é a de que a água constitui elemento da paisagem, através do qual mais agudamente se sentem as vinculações do homem com o meio.

As águas correntes são reconhecidas pelos estudiosos como agente geomórfico fundamental, haja visto que o nome da expressão “modelado de erosão *normal*”, para significar as formas de relevo em cujo aperfeiçoamento elas tiveram o papel principal.

[...]

Quanto às relações entre água e sociedade humana, o elemento líquido é universalmente condição indispensável para a presença do homem. Aqui se poderia lembrar de Tales de Mileto, que segundo a tradição aristotélica, teria sido o primeiro a considerar a água como “substância primordial”. No Careiro e em regiões semelhantes, o significado da água para a comunidade toma maior relevo e assume aspectos muito especiais. Nestes espaços a água atua tanto de maneira direta como indireta. (STERNBERG, 1998, p. 14-15)

No eterno devir, a multiplicidade do uno natural e social, as atividades da vida como agricultura, pesca, extração de madeira acontecem no pulso das águas flutuantes. Na vazante, quando a flutuação começa a diminuir, a pesca tem predominância, pois os peixes estão mais concentrados em trechos de água remanescentes, mas esta prática acontece o ano inteiro. A agricultura é praticada durante a fase que os moradores do Lago do Catalão chamam de “seca” em locais mais elevados, onde a inundação leva tempo para atingir seu ponto máximo, o que favorece, em termos temporais, a época ideal para a colheita.

A racionalidade no uso produtivo de espaços utilizados para agricultura e conseqüentemente a temporalidade dos plantios é a expressão real de como os processos adaptativos são absorvidos quase normativamente. O cálculo que se faz está ligado ao tempo de plantação e colheita da espécie, seja ela fruta, tubérculo ou mão-de-obra disponível, distância a ser percorrida para o plantio, visitação do plantio, colheita, transporte, sem mencionar o mercado que consome o produto, o que no caso do Lago do Catalão não é tão determinante, já que quase toda produção é para consumo próprio.

Todos estes aspectos ligados ao mundo do trabalho abordaremos posteriormente. Por hora, aqui nos interessa destacar que os processos de adaptabilidade ocorrem sistematicamente e este sistema está marcado pelo devir das águas e ação do homem no Lago do Catalão.

Os processos de adaptabilidade ou má adaptabilidade não estão circunscritos aos processos naturais; a força do capital também desenha seus meandros e influencia modos de vida que são expressões de irracionalidade. Os impactos de modelos econômicos que incentivam o hiperconsumismo e a ausência de políticas públicas de infraestrutura são

percebidos de forma gritante.

Sternberg (1998) captou de forma magistral os modos de vida na várzea do Careiro, destacando o sistema que configura estas paisagens humanizadas; referenciados em seu estudo, podemos orientar nosso olhar no sentido de entender o quanto a racionalidade ambiental dos ribeirinhos da Amazônia é plástica e se renova no devir das águas, do clima, dos aspectos simbólicos. Assim destacaremos alguns aspectos dos processos de adaptabilidade ligadas à geomorfologia, a relação cultura e adaptabilidade e as formas específicas de adaptabilidade ligada às casas flutuantes.

A região hidrográfica da Amazônia é uma grande rede de densos conjuntos de rios e cursos de água de menor extensão e volume segundo dados do Ministério do Meio Ambiente (2006). As águas dos rios da Amazônia são classificadas de acordo com as suas características geomorfológicas, químicas e físicas. Três tipos podem ser distinguidos: rios de água branca, preta e clara (SIOLI, 1991). Entre os rios de água branca, destaca-se o Solimões, cujas nascentes são oriundas dos Andes, onde os processos erosivos são intensos, resultando em uma alta carga de sedimento em suspensão e pouco material orgânico, que lhe confere uma aparência amarelada (PRANCE, 1980; SIOLI, 1991; FRANZINELLI, 2011). Entre os de água preta, ressalta-se o rio Negro. Suas nascentes têm origem nos escudos arqueados das Guianas, os quais são formações geológicas antigas com relevo plano e regular, onde os processos erosivos são poucos intensos, e em consequência, a carga de sedimento é baixa (PRANCE, 1980; SIOLI, 1991; FRANZINELLI, 2011).

O Rio Solimões, ao longo do seu trajeto, corre, ora na planície por ele mesmo formada, ora entre a margem da planície e as rochas da Formação Alter do Chão. A margem direita do Rio Solimões, a montante do Encontro das águas está situada na planície de inundação; a margem esquerda, na altura de Iranduba e ao oeste da Ilha Xiborena é formada por barrancos vermelhos da Formação Alter do Chão, compostos por bancos de arenitos grosseiros, alternados por camadas silte-argilosas. A jusante de Iranduba, o terraço da Formação Alter do Chão se afasta para deixar lugar à várzea. O baixo curso do Rio Negro está fortemente influenciado pela neotectônica. (FRANZINELLI, 2011 p. 588)

A instabilidade dos leitos é marca dos rios de água branca percebe-se seu devir na máxima potência. Estes rios estão sempre mudando os seus cursos pela ação simultânea da sedimentação e da erosão. São rios em meandros que vagueiam pelas planícies aluviais por eles constituídas; estes deslocamentos dos leitos menores se processam à custa da erosão das margens de seus terrenos argilo-arenosos mal consolidados, provocando durante as enchentes

as chamadas terras caídas, fontes do material argiloso encontrado em suspensão nas suas águas (FRANZINELLI, 2011 p. 589).

A planície inundável amazônica com sua extensão de cerca de 300.000 Km², tem como fator gerador da existência, produtividade e dinâmicas no ecossistema o devir de flutuação do nível da água. Este devir resulta em um extenso período anual de inundação nas áreas ao longo dos cursos dos rios. A alternância entre a fase de onde a terra fica exposta (seca) e a fase de inundação (cheia) na Amazônia foi descrita por Junk (1983) como pulso de inundação, que em sua conceituação é fundamentado nas considerações hidrológicas dos rios, afluentes e planícies alagáveis.

A região do Lago do Catalão localizada na confluência do Rio Negro e Solimões é um sistema flúvio-lacustre, considerada uma região de água branca ou barrenta e suas características geológica podem ser descritas da seguinte forma:

A maioria dos sedimentos dos rios de água branca é originada da região dos Andes [...]. Inicialmente a maior parte dos sedimentos andinos eram depositados nas terras baixas sub-andinas, onde sofriam alterações devido às condições climáticas tropicais [...] Com isso, houve um grande aumento no conteúdo de argila mineral e uma diminuição de calcita [...] Do ponto de vista geoquímico e mineralógico, isto faz da várzea um caso especial dentro da Amazônia Central. Enquanto áreas inundáveis da Amazônia que possuem solos originados dos períodos Cretáceo, Paleozóico e Pré-Cambriano são extremamente pobres em nutrientes e elementos alcalinos e alcalinos-terrosos, o conteúdo destes elementos na várzea são relativamente altos [...] (ASSIS, 2008, p. 14-15)

A várzea é a mesma em seus aspectos, na sua extensão de terras, mas não é a mesma em função das significativas modificações que a presença humana promoveu (WITKOSKI, 2007). Neste sentido, uma investigação sobre os modos de vida de uma comunidade de várzea elucidada aspectos de vida extremamente importantes para problematizarmos aspectos como produção de saberes, relação com o lugar, construção de identidades etc. Faz-se mister o entendimento primário de como o devir das águas é também o devir da própria vida na várzea.

A comunidade Lago do Catalão está ligada à uma ilha chamada Xiborena. Os lagos desta ilha possuem variação na sua profundidade ao longo do ano que variam de 7 a 10 metros ou mais. De acordo com Almeida (2008), a área apresenta topografia uniforme e plana resultante da acumulação fluvial, com altitudes de aproximadamente 100 metros acima do nível do mar.

A área onde estão localizados os flutuantes está em permanente transformação em

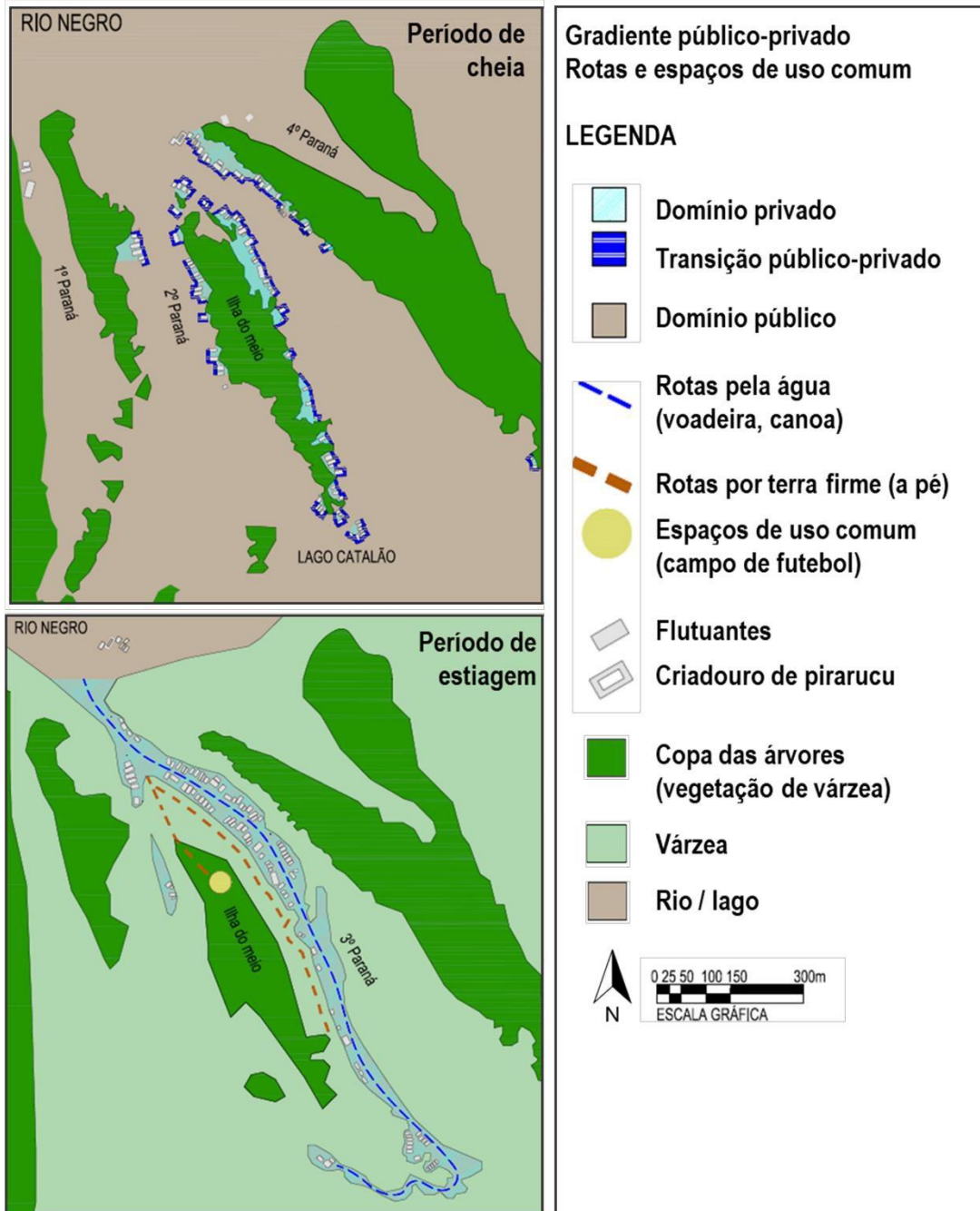
função das mudanças sazonais no nível das águas e das variações que ocorrem lentamente nas paisagens como formação de praias e ilhas, alterando assim a paisagem biofísica. Mas embora a descrição aqui se atenha aos aspectos físicos, essa paisagem é humanizada; a aparente fixidez é o tempo todo desmentida pela ação dos moradores do Lago que derrubam árvores para os roçados em pequenos trechos de terras que aparecem na vazante, exploram os lagos, constroem canteiros, pequenos pousios para os animais, movimentam os flutuantes. Portanto, a intervenção constante para garantir melhor adaptação modifica a paisagem física em função das necessidades de alimentação, trabalho, lazer, infraestrutura.

Vale (2003) explica que a comunidade Lago do Catalão não se refere a um *lago* na acepção rigorosa do termo; ocorre que a terminologia é, geralmente, utilizada para os corpos de água na região da várzea. Ainda segundo o autor, dentre os lagos do sistema Catalão existem outros lagos identificados como Padre, Poção e Madalena.

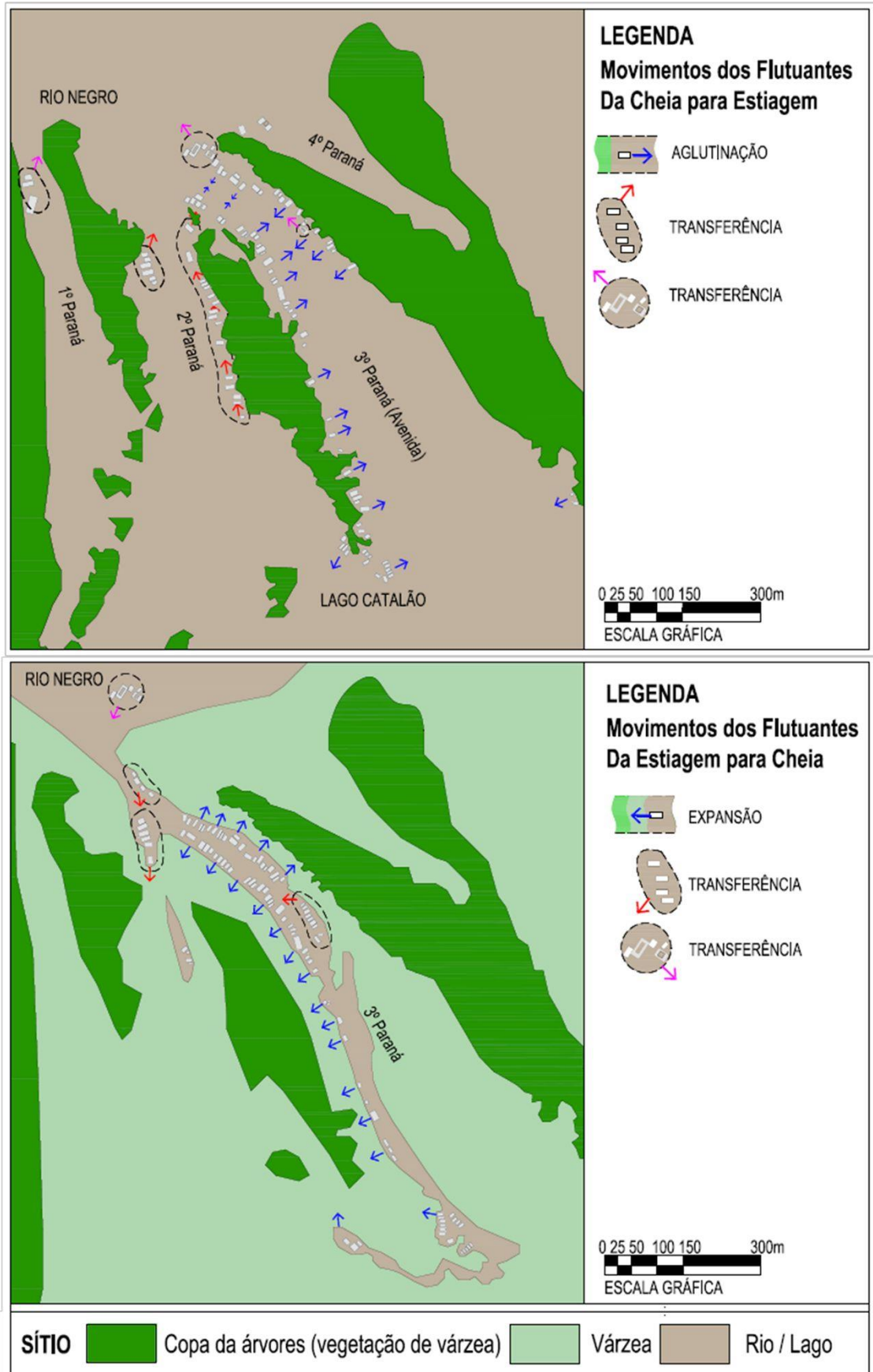
O regime fluvial do rio Solimões com cheias e vazantes delinea ao mundo da vida a complexidade da Comunidade do Lago do Catalão. Primeiramente, porque a possibilidade do trabalho está diretamente relacionada ao pulso das águas, sendo a vida organizada em torno deste regime, como já mencionado anteriormente, mas sobretudo porque organiza a vida de modo muito particular.

Pinheiro e Cardoso (2019), ao descreverem as tipologias dos flutuantes, destacam que os flutuantes estando sob o lago que é de domínio público compreendem a edificação como privado. Não há cercas, não há tapumes, mas sabe-se que o fundo da edificação é de acesso privado seja físico ou visual. Os flutuantes estão localizados nos paranás e lagos para dar fluxo ao meio de transporte utilizado que é a embarcação. Mantém-se a proximidade com a vegetação de várzea para a amarração dos flutuantes de modo que estes se mantenham estáveis para se adaptar ao devir de cheia e estiagem.

No período da cheia, o corpo hídrico se alarga e os flutuantes se organizam em grupos familiares, localizados em diferentes zonas do corpo hídrico, mantendo distâncias variáveis entre estes grupos. A relação com as margens é sempre mantida e os flutuantes de mesmo grupo familiar constituem faixas de pertencimento, cujo domínio é privado. Entre as faixas de flutuantes localizadas em margens opostas, há uma zona para o fluxo de embarcações de moradores locais e a serviço do turismo local³. Essa faixa de fluxos pode ser bastante ampla, conforme a largura do espelho d'água, e se constitui na área de domínio público. Entre a faixa de pertencimento e a zona de fluxos de embarcações, apresenta-se a faixa de transição público-privado. (PINHEIRO; CARDOSO, 2019, p. 7)



Mapa 2: Cartografia gradiente Público-Privado, rotas e espaços comuns nos períodos de cheia e estiagem.
Elaboração: Luana Pinheiro, 2019.



Mapa 3: Cartografia Movimento dos flutuantes entre cheia e estiagem, e entre estiagem e cheia. Elaboração: Luana Pinheiro (2019).



Figura 6: Período de transição Estiagem-Cheia: 1 – Paraná principal, sentido norte-sul. 2 - Paraná principal, sentido sul-norte. 3 – Panorâmica dos flutuantes no espaço residual do Paraná principal e campo de futebol na ilha do meio. / Período da Cheia: 4 - Paraná principal, margem oeste. 5 – Paraná secundário margem leste 6 – Plataforma coberta de uso comum (rotativo) em uso a frente de moradia. 7 – Arranjos flutuantes para cultivo de plantas frutíferas.

Fonte: Luana Pinheiro, 2018.

Com as enchentes dos rios, as atividades produtivas seguem uma lógica temporal da natureza física, mas não se restringem a este aspecto. O tempo dos moradores da várzea do Lago do Catalão é o tempo das várzeas na Amazônia. Este é o tempo ecológico ou tempo da natureza no seu sentido mais amplo, porque se opõe, quase em sua totalidade, ao tempo do capital, o tempo fabril marcado nos ponteiros dos relógios.

O tempo ecológico na várzea é o tempo das águas no sentido de demarcação temporal das atividades, principalmente da pesca e da plantação. Esta racionalidade observada na escolha das espécies a ser plantadas junto com o principal produto, a mandioca, é visto no planejamento minucioso de cada plantação. O tempo ecológico que marca o laboratório vivencial de um tubérculo, de um tipo de hortaliça que não “vingou” porque precisava de mais tempo de maturação, porque foi “fincada” em lugar errado, porque não se “deu” com a terra. O laboratório é o vivido dessa racionalidade observante das mudanças no ambiente e com o ambiente.

Acompanhando uma família junto ao plantio pudemos observar que além da mandioca foi plantado pimenta cheirosa, cará e jerimum. Ao questionar por que não se plantava melancia, por exemplo, que era comum em algumas várzeas, a resposta era que o acesso à área de plantio ficaria extremamente dificultada com a subida da água, levando o triplo do tempo para chegar à área plantada, e como naquela família a atividade de plantio ficava predominantemente à cargo das mulheres e a embarcação (bote) era dividido com os homens da casa que pescavam, elas (duas mulheres) preferiam plantar produtos que facilitasse o deslocamento.

Elias (1998) afirma que é por meio da socialização que o membro do grupo social passa a seguir um ritmo de acordo com o grupo social que está inserido. Assim, a socialização torna o tempo e o relógio biológico cada vez mais adequado à rotina da sociedade, fazendo desta um mecanismo que naturaliza a nossa noção de tempo, fazendo-o parecer natural e espontâneo.

A sociedade é inventora da sua forma de “acelerar” ou “desacelerar” o tempo. Nas sociedades modernas e industriais, a medida do tempo tem claro objetivo: potencializar a produtividade. Assim se criou o relógio mecânico, que tem muito mais precisão. Por meio dele é possível estipular encontros de pessoas cada vez mais atarefadas no intervalo cada vez mais racionalizado e desencantado. Mas o tempo ecológico não se mede pelos relógios tecnológicos ou mecânicos; o tempo ecológico é tempo da vida que se espalha no devir das águas, na potência da terra fertilizada pelos sedimentos que gestam na terra mais vida.

O tempo ecológico é o tempo do cuidado com as espécies de peixes, com o respeito à força das chuvas, da seca, com o medo dos peixes grandes, dos jacarés, das entidades que saem dos rios nas noites de lua cheia, lua nova. Este é também o tempo da sesta depois do almoço, é o tempo do café na casa dos vizinhos, é o tempo da solidariedade, é o tempo do eco, da casa. Falar do tempo para uma moradora do Lago do Catalão é falar da vida em todas suas dimensões:

Aqui sempre em outubro começa o primeiro repiquete, às vezes enche, aí seca um pouco, aí aguenta. Esse ano foi que encheu direto, agora já pra pegar em janeiro foi que deu uma paradinha mas já está enchendo, agora pra secar, fim de julho, mas quando entra junho já vai parando. Lá onde a gente planta tá cheio, mas tá longe ainda. O vizinho aqui já até fez farinha. Nós plantamos em agosto, foi até dia 31 de agosto, dia do aniversário de uma filha minha. A gente fez o aniversário dela no meio do roçado, fizemos almoço e comemoramos lá. Agora no início de abril a gente vai colher.

É uma média de 6 a 8 meses, mas tem que ficar de olho porque ano passado muita gente perdeu a maniva porque a enchente foi muito grande, encheu rápido. A gente colocou arrimo de balsa, mas não conseguimos salvar, a maniva secou. A gente tá dando um tempo pra ela amadurecer mais. (Rosa Lima, 71 anos, doméstica)

Portanto, na várzea do Lago do Catalão os moradores adaptam de forma combinada as práticas tradicionais (no sentido de pouco uso de instrumentos que causem danos ao ambiente) a esse ecossistema, como fonte de reprodução da vida material, social e simbólica.

Suas práticas mostram o manejo do ambiente de forma a se manter as condições de vivência e reprodução social neste ambiente. Mas de que forma os processos de humanização podem ser observados no Lago do Catalão?

2.2 VIDA FLUTUANTE: AS ESTRATÉGIAS DE ADAPTABILIDADE DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO

As noções do conceito de cultura são fundamentais para situar as estratégias de adaptabilidade dos moradores do Lago do Catalão a partir de um prisma que não seja essencialmente geográfico ou biológico; isto porque a noção de adaptabilidade pode nos levar à errônea ideia de que o ambiente natural determina a cultura de um grupo social num determinismo arrogante que ignora a humanização da paisagem.

Os modos de vida dos moradores do Lago do Catalão são produzidos no movimento dialetizante com o ambiente. Neste sentido, é importante destacar que a expressão *devir das águas*, não está engessado no elemento natural água, mas trata sobretudo do elemento simbólico que é produtor de significantes e significados nesta várzea. Neste eterno devir não impera a dualidade natural/cultural, mas um é produtor do outro numa dialética contínua. A ordem da natureza é cultural e seu contrário também é verdadeiro.

O pensamento complexo de Morin (2005) nos chama a atenção para romper as dualidades simplificadoras, as disjunções entre homem, natureza e cultura, alcançando a problematização do real através da teoria que é o seu produto enquanto observação

problematizadora e este processo é a própria mudança do nosso olhar sobre a ciência, sobre a vida. A necessidade da ruptura e engajamento com uma visão mais cósmica, no sentido de compreender o mundo na sua complexidade, nos conduz a olhar os processos de humanização da paisagem na mesma esteira complexa do pensamento.

Para reforçar esse argumento, lembramos que em Laraia (2004) existe a ideia de que o comportamento dos indivíduos é resultando de um aprendizado chamado endoculturação, que seria o processo de diferenciação entre os povos, incorrendo na formação de culturas diferentes. Nessa definição básica é importante afirmar e reafirmar a diversidade cultural não determinada pelo ambiente físico, como afirmavam os partidários do determinismo geográfico.

A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. E mais: que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico. (LARAIA, 2004, p. 21)

Em termos gerais, Laraia (2004) refuta esse determinismo tomando como exemplos os povos que vivem em ambientes físicos iguais ou similares e dão respostas culturais diferentes na produção de seus saberes, na relação com o ambiente, na expressão de suas subjetividades, na resolução de conflitos etc. A conclusão de que os indivíduos não são meramente receptivos das ações do imperioso ambiente natural nos leva à síntese de que as dinâmicas produzidas na relação ambiente e humanidade são imprescindíveis para a compreensão do conceito de cultura.

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. (LARAIA, 2004, p. 24)

Laraia (2004) ao fazer um passeio sobre as concepções evolucionistas, relativistas, históricas, acentua as contribuições de Alfred Kroeber (1876-1960) que marca uma distinção entre o orgânico e o cultural. No entanto, esta distinção tenta demarcar mais a fronteira entre cultura e um determinismo biológico subjacente às teorias antropológicas de seu tempo do que uma separação radical entre cultura e natureza, visto que o homem teria criado seu próprio processo evolutivo para se adaptar às condições relacionais entre seres vivos e ambiente.

A noção de que a cultura é o meio de adaptação a diferentes ambientes ecológicos, rompendo as barreiras das diferenças ambientais, transformando a terra em sua casa, não pode nos conduzir ao pensamento de que há uma sobreposição da cultura sobre o ambiente, mas um processo permeado primordialmente pela capacidade de comunicação, descortinando assim a falsa ideia de que algum elemento natural, como o rio, por exemplo, determinaria a vida de um grupo social ou de indivíduos.

A respeito desta relação dialógica de homem ambiente, Witkoski (2007, p. 112) apresenta o estudo sobre o território da várzea amazônica como paisagem natural e humanizada onde o homem/camponês habita e trabalha. O sentido de “paisagem” humanizada faz parte dos debates que procuram desmistificar a ideia de uma natureza intocada. O autor atribui a existência da biodiversidade à habitação humana e suas intensas relações de interação com a paisagem natural. A sociodiversidade da várzea amazônica tem sua história marcada pelo processo de colonização europeia que resultou no etnocídio, o qual gerou também um processo de ruptura e de continuidade. Esta marcação se deu sob o signo do devir, nada é tão permanente nesta paisagem humanizada e por isso não há o que dizer sobre a errônea ideia de uma natureza intocada.

Como procuramos mostrar, apesar do etnocídio, praticado através da cruz e da espada, na posse e conquista da Amazônia pelos portugueses, há um processo de ruptura e de continuidade entre os índios das águas e os camponeses amazônicos que atualmente habitam a várzea do rio Solimões/Amazonas – no trato da terra, da floresta e da água como artefatos culturais. O seu território, no entanto, é e não é o mesmo. É o mesmo no sentido de que a extensão das terras que os ameríndios habitam ainda se mantém. Não é o mesmo porque, entre as duas temporalidades históricas, a várzea – composta por terra, floresta, água e homens – transformou-se na sua geomorfologia, nos seus aspectos florestais, na sua hidrologia e foi alvo de significativas modificações demográficas. Nessa perspectiva, a várzea – composição complexa de terra, floresta, água e homens – só pode ser reconhecida como paisagem humanizada. (WITKOSKI, 2007, p. 112)

É nesta paisagem humanizada que a existência se manifesta no trabalho, na cultura, na religiosidade, no lazer, nos aspectos simbólicos. Segundo um dos moradores entrevistados, a comunidade foi o resultado da exploração de madeira a área era local onde funcionavam serrarias e nos idos de 1960 e 1970 existia cerca de 8 flutuantes que correspondem a 8 famílias. Muitas famílias migraram do rio Juruá, de municípios como Envira, Eirunepé, Carauari, e foram chamando seus entes, formando assim novos núcleos familiares; outras famílias era de municípios próximos ou mesmo da capital, Manaus. Outra moradora afirmou que a comunidade começou com a atividade de pesca; outros relataram que a comunidade foi formada por antigos

moradores da comunidade Costa do Catalão que deixou de existir com o fenômeno das terras caídas. Nos pareceu que não há uma história oficial, mas a história de cada morador com relação ao lugar. A história do entrevistado Mauro Coelho de Lima ilustra umas das percepções.

Eu tenho 71 anos, nasci e me criei aqui, mas tive que sair fora pra ver se melhorava de vida, mas aí eu voltei em 81. Vim pra criar meus filhos, criei bem...aí não tinha por que voltar pra cidade, cidade perigosa, aqui é cabeça fria. Se não fosse a carapanã, ninguém fechava a casa, não tem aperreio de nada. Aprendi meu ofício dos meus avós. O pai da minha mãe era carpinteiro dos bons, antigamente tinha carpinteiro bom, hoje tem maior engatilhador danado. O meu tio que era irmão da minha mãe foi quem me criou, eu e meus dois irmãos, o pai foi embora. Meu tinha aprendido o mesmo ofício da carpintaria, como ele viu que eu cheguei na idade maior um pouquinho, já podia trabalhar, continuei trabalhando com ele, fui aprendendo lá. Depois que eu me casei, tive minha família, meus filhos, fiquei criando os filhos e quando chegou desse tamanho em diante, já foi pra obra também. Estudavam e trabalhavam comigo na obra, todos os meus filhos são carpinteiros e não é gabar, não, mas é difícil ter um carpinteiro igual a eles. Meus filhos são carpinteiros mesmo. (Mauro Coelho de Lima, 71 anos, carpinteiro)



Figura 7: Visão aérea da Comunidade Lago do Catalão.
Fonte: Marcos Amend, 2019

Um dos mais elementos que mais se destaca neste processo de humanização da paisagem varzeana do Lago do Catalão é o tipo de moradia os flutuantes. Na imagem abaixo podemos perceber a diversidade de tipos de habitações e os espaços de reuniões coletivas. A comunidade Lago do Catalão tem forte presença de templos religiosos evangélicos. Na fala dos entrevistados é comum a presença de jargões religiosos com elementos místicos ligados às

águas como aparecimentos de “visagens” (espécies de fantasmas) e coisas encantadas.



Figura 8: Tipos de flutuantes. 1- Escola Municipal (2017), 2 – Casa de farinha. 3 a 8 – Templos religiosos.
Fonte: Luana Pinheiro, 2018.

Os flutuantes são construídos sobre troncos de árvores de *Hura crepitans L* da família *Euphorbiaceae*⁹, popularmente conhecida como açacu, os quais servem como boias naturais

⁹ PINDORAMA FILMES. Açacu. **Um pé de quê?** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.umpedeque.com.br/arvore.php?id=665>. Acesso em: 02 out. 2019.

para sustentar as construções. Dentro da água, a madeira dura por décadas. Estas edificações são lugar de moradia, mas mesclam atividades de comércio, escola, igrejas, centro social, casa de farinha.

A compreensão de que espaço e lugar são elementos interdependentes, segundo Tuan (1983), é chave imprescindível para analisar a relação entre sujeito e ambiente sob muitos aspectos, incluindo o da moradia.

A visão de Tuan (1983) sustenta que existe uma inter-relação indissociável entre espaço e lugar e por conta dessa aproximação é comum serem compreendidos como conceitos semelhantes. O espaço é entendido como algo abstrato e em movimento; na medida em que os seres humanos vão intervindo sobre ele, atribuindo sentidos e significados, este espaço torna-se lugar. Podemos assim inferir que a constituição do indivíduo é marcada pelo lugar, no tempo histórico, coletivo e individual. Sua história de vida se entrelaça com a história da coletividade, ou seja, seu contexto sócio-histórico.

O domínio do espaço caracteriza a relação com o mundo à nossa volta e identifica também as nossas relações, nossa experiência e é esta que transforma o espaço em lugar. A fala dos entrevistados revela esta transformação do espaço em lugar:

Quando eu cheguei aqui já existia (a comunidade), eu cheguei aqui em 1989, por acaso veio uma irmã que veio pra cá e depois a gente veio, eu vim de Caruari, do rio Xeruã, mas eu nasci no rio Puturu. Eu vim porque um irmão adoeceu e eu vim trazer minha cunhada e acabei vindo pra cá. Quando eu cheguei aqui tinha umas 17 famílias, aqui era um depósito de madeira, era época dos grandes madeireiros, aqui você andava de ponta a ponta em cima toras de madeira. Aqui tinha 3 serrarias, aqui tinha madeiras grandes, não tinha fiscalização. Nessa época era tão fácil madeira que era fácil fazer flutuante, os donos das serrarias davam madeira pra fazer alguns flutuantes. Eu tinha uma tia aí em Manaus que deu ideia de eu colocar uma banquinha perto da parada de ônibus pra vender uma merenda, sabe como é, tinha dois filhos, tinha que trabalhar. Aí eu sei que surgiu aqui a ideia de ter uma escola aqui porque já tinha uma certa quantidade de meninos, filhos do pessoal aqui. Aí meu pai, deu a ideia pra pessoas aqui de me chamar porque eu era muito curiosa, ela podia dar aula. Aí a prefeitura ofereceu tipo um minicurso pra mim e mais dois rapazes e aí eu passei, mas não tinha escola. Ai a gente viu que tinha casa velha (flutuante), os meninos ajeitaram, a gente fez bingo pra comprar fogão, só sei que a gente se juntou e fez a escola. Por isso eu acho que tenho uma preocupação, eu brigo pela escola. Trabalhei 7 anos, eu era merendeira, professora, eu era tudo, fui a única funcionária naquela época. Era seriado, eu trabalhava com os meninos fedendo a baba até os quartos anos, os quintos anos os meninos iam pra Costa do Catalão. Fiz faculdade, professora formada, mas fiz em 2011 o concurso de merendeira, passei em segundo lugar. Tudo que vem é bom. Aí dou oportunidade para professoras daqui do Lago do Catalão, existe professoras aqui da comunidade preparadas pra dar aula e eu briguei por 4 professoras da comunidade pra trabalhar na escola. Eu sou merendeira, mas se precisar ir pra sala, eu vou. (Raimunda Viana, 57 anos, presidente da comunidade)

Para a entrevistada, sua história de vida se entrelaça com a escolha pela comunidade Lago do Catalão; mesmo não sendo seu lugar de nascimento, a vivência no espaço ressignificado foi transformado em lugar. É possível perceber, segundo Tuan (1983), que a noção de lar está ligada a um lugar onde existe intimidade, lembranças que trazemos da infância na memória. Essa memória tem cheiro e sabor, que estão amalgamados na casa. Aliás, questiona-se por que o olfato foi um sentido esquecido, mesmo sendo fundamental nesse processo de construção do lugar.

Nesta mesma direção, a moradia é também informante do status de uma pessoa; seu tamanho, localização, o ambiente, descortina a ordem social e revela a moradia como uma representação de nós mesmos. Na visão de Higuchi, Calegare e Freitas (2013) as transformações da aparência arquitetônica da casa representavam conceitos que os moradores tinham sobre si mesmos, sobre os outros moradores e como suas posições sociais eram manifestadas pelas conquistas materiais. No Lago do Catalão, os critérios para classificar esse status difere muito da zona urbana, pois todas as moradias são feitas de madeira, diferente das áreas urbanas onde o “progresso” está no fato de um indivíduo construir uma casa de alvenaria, substituindo a casa de madeira.

Nas imagens abaixo, podemos perceber que a presença de sistemas de vigilância em um comércio improvisado no interior de uma residência sinaliza as diferenças existentes nas condições de vida dos moradores. Todos os entrevistados parecem partilhar dos mesmos modos de vida ligados à pesca, à plantação de mandioca e outras espécies, mas o acesso a bens de consumo revela também as diferenças existentes entre as famílias.

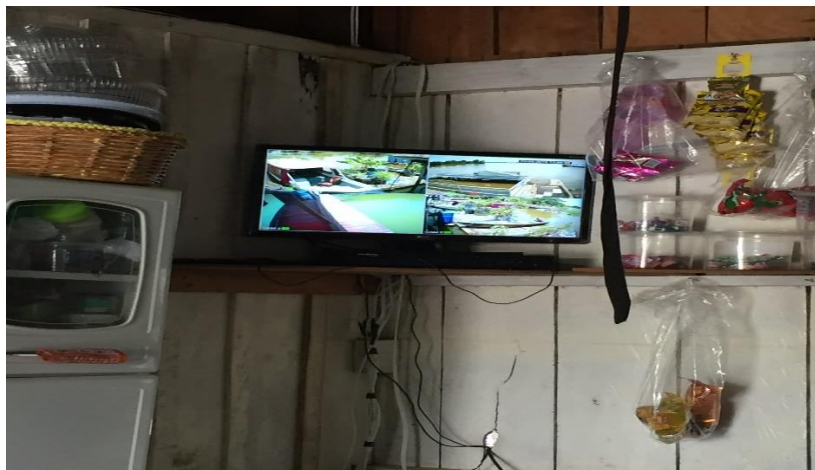


Figura 9: Casa flutuante com sistema de câmera de vigilância.
Fonte: SOUZA, Deise, 2020



Figura 10: Casa flutuante com comércio.
Fonte: SOUZA. Deise, 2020.

Como estamos tratando de uma área de várzea, esses critérios são percebidos na estrutura dos flutuantes, no número de cômodos, quais funções esta casa flutuante abriga, além da moradia, como comércio etc. No entanto o que cabe primordialmente destacar é que os processos de adaptabilidade têm suas diferenças porque a história de vida das pessoas é diferente. Há moradores que nasceram na comunidade, outros vieram de outros lugares da Amazônia. Mas as similaridades na adaptabilidade se apresentam no modo de uso da água, nas casas de farinha construídas em flutuantes, nos canteiros de ervas culinárias e medicinais e mesmo a criação de animais domésticos como cachorros e gatos dizem da capacidade e da produção de saberes subjacentes à adaptação no ambiente varzeano do Lago do Catalão.

A moradia reflete as similaridades e as contradições do lugar nas cores da paisagem natural, mas também nas condições sociais refletidas nas construções. Todos os flutuantes possuem o mesmo estilo de cobertura, porém eles apresentam diversos tamanhos. Uns apresentam certa sofisticação, com pinturas que se destacam pela vivacidade das cores, varandas amplas e portas entalhadas com imagens que reportam a animais e paisagens amazônicas. Mas há flutuantes bem modestos, que parecem não passar por reforma há muito tempo. Segundo os moradores, as reformas estruturais não são necessárias, só a partir de quinze ou vinte anos.

Todas as casas possuem algum tipo de varanda, seja grande ou pequena. Lugar é onde são recepcionadas as visitas, onde se realizam as refeições diárias, embora o constante fluxo de

embarcações turísticas tenha mudado um pouco esta rotina pois os moradores estão constantemente submetidos aos olhares e lentes dos turistas. Ali é lugar de descanso, onde lava-se e estende-se as roupas, enquanto crianças pulam no rio e retornam. Dali trocam-se cumprimentos entre os que ficam e os que cruzam nas embarcações, de lá se pede carona para o porto da Ceasa (Manaus), para a escola ou para a casa de algum vizinho.

A cozinha é o útero da casa; muitas são semiabertas, para amenizar o calor ou simplesmente permitir maior mobilidade para lavar a louça, uma vez que não contam com água encanada, exceto aqueles que possuem caixa d'água e motor para bombear água do rio para abastecer sua pia e usar nas descargas do banheiro e nos chuveiros. Em algumas, é observável a manutenção de um velho hábito, o de pendurar nas paredes as panelas de alumínio, devidamente areadas, ainda que existam armários para armazená-las; uma espécie de troféus que dizem sobre o zelo dos moradores.

As imagens a seguir, mostram as formas de uso e dos flutuantes, a divisão espacial e as noções de uso coletivo (casa de farinha) destes lugares.



Figura 11: Casa de Farinha flutuante – espaço coletivo da comunidade.
Fonte: SOUZA, Deise, 2020.



Figura 12: Cozinha semiaberta.
Fonte: SOUZA, Deise, 2020.



Figura 13: Varanda em casa flutuante.
Fonte: SOUZA, Deise, 2020.

Segundo Tuan (1983) o sentimento de lugar resulta de experiências e esse sentimento de pertencimento de uma pessoa por uma localidade dificilmente se adquire só pelo fato de se passar pelo lugar, mas sim no cotidiano no espaço vivido. Os símbolos e lugares podem ser percebidos pelo indivíduo ou pelo grupo de indivíduos que compartilham dos mesmos costumes; então “as experiências dentro de um grupo humano se sobrepõem o suficiente para que vínculos individuais não pareçam notórios e incompreensíveis para seus pares” (TUAN, 1983, p. 163). No esforço de compreensão dos espaços de moradia, das práticas produtivas e simbólicas dos moradores do Lago do Catalão, busca-se também, investigar se existe esse sentimento de pertencimento em suas relações com os vizinhos e em suas relações com a terra.

No dia a dia dos moradores se espraia as estratégias de adaptabilidade ao ambiente natural e cultural; esse movimento também mostra suas nuances no devir das águas. As condições econômicas para construção da casa determinam o tempo em que um flutuante será construído, três semanas ou mais conforme as condições para pagar o material e o serviço de carpintaria que é feito por carpinteiros profissionais moradores da comunidade. As intempéries são sentidas de forma diferente por quem mora em uma casa flutuante, como no caso de temporais. Todos estes elementos traduzem aspectos dos modos de vida dos moradores do Lago do Catalão em contínuo movimento com as águas. Na entrevista com um morador, podemos perceber que esse processo de adaptabilidade requer conhecimento sobre esse ambiente de

forma que ignorar esse conhecimento significa pagar com tamanho esforço físico para atender necessidades básicas como acesso a água potável.

Eu moro na comunidade desde que eu nasci, passei um período longe quando eu tinha meus treze anos, fui lá com meus avós no Janauari. Aí voltemos pra cá na comunidade. A minha trajetória, meu dia-a-dia na comunidade, é porque ano passado eu era funcionário da escola, mas nosso contrato caiu, mas já consegui uma oportunidade no processo seletivo e estou só no aguardo.

Meu cotidiano é assim, eu deixo minha esposa na Ceasa de madrugada e depois eu volto, vou pescar no lago. Depois volto vou visitar meus amigos por aqui mesmo, só sai daqui quando preciso mesmo.

No período da seca se torna mais dificultoso, nosso transporte pra ir até Manaus no porto da Ceasa, fazer compras...a trajetória se torna mais longa porque quando veda aqui a entrada a gente tem que vim numa embarcação, aí deixa aqui dentro, aí anda mais ou menos 20 minutos e depois pega outra embarcação, atravessa. Sem falar de carregar outros materiais, água, compras, garrações.

No tempo da cheia já é totalmente diferente, a gente não tem assim uma dificuldade de se transportar, locomover porque cada um de nós tem uma rabetinha, uma canoa, um remo. Se a pessoa não tiver isso se torna mais difícil de se locomover, só se pedir ajuda do vizinho para sair. Para gente no período de cheia é melhor. (Francisco Edson Pereira da Silva – 31 anos – prestador de serviço na escola)

O problema da falta de local para despejo correto de dejetos e o próprio consumo de água potável dentro da comunidade foi uma fala recorrente entre os entrevistados.

Aqui a gente precisa fazer uma lixeira porque aqui a gente mora em casa flutuante, a gente não tem quintal para colocar o lixo ou queimar, a gente não tem espaço, não tem lixeiro que passe todo dia. O barco do lixo passa de 6 em 6 meses. O povo aqui queima o lixo que não deixa de escapar pro rio, alguns levam pra Ceasa pra colocar lá na lixeira, mas não dá pra fazer isso com o lixo.

Aí a gente está tentando construir uma lixeira flutuante, a gente já tem um monte material, a gente faz bingo e vai juntando pra fazer essa lixeira, toda coberta com a divisão para selecionar o lixo. O comunitário já vai levar o lixo selecionado.

Enfim essa lixeira vai ser servir essa comunidade. (Raimunda Viana, 57 anos, líder comunitária)

Em termos políticos a comunidade conta com uma associação de moradores denominada Associação Agrícola Lago do Catalão que tem registro desde o ano 2001. Em nossas observações iniciais percebemos que há uma liderança comunitária que está à frente da associação por vinte anos. A organização política que precede a existência jurídica desta associação gira em torno da atuação engajada desta liderança, uma mulher inquieta e com desejo pulsante de trazer condições infraestruturais para a comunidade. Percebemos um sentimento de extremo pertencimento, uma ideia de que política é essencialmente social e deve expressar a ideia de justiça social (ARISTÓTELES, 1973). No entanto, ao longo das entrevistas,

sutilmente os conflitos em torno das decisões que envolviam a comunidade apareciam na fala dos demais entrevistados revelando divergências, visões diferentes. A interpretação desta sutileza nas falas que ora aparecia como uma ironia, ora aparecia como um reclame que saía quase incompreensível da boca mostrou a forma de proteção da “intimidade” da comunidade, ou ainda que as divergências não superaram os ganhos para comunidade perseguidos pelo esforço pessoal desta liderança, nem do esforço coletivo.

A escola que é uma das principais conquistas da comunidade é o fruto deste esforço social e político. Segundo nos contou uma das entrevistadas, a escola era um flutuante simples, descrita como “caindo aos pedaços”, e foi reformado com esforço coletivo dos moradores. Tinha apenas dois cômodos inicialmente, sendo uma sala de aula e cozinha. A única funcionária da escola acumulava a função de professora e merendeira, e dava conta de uma sala multisseriada com crianças de várias idades e níveis diferente. Um desafio pessoal que mobilizou a comunidade a reivindicar junto à Secretaria de Educação do Município de Iranduba um espaço físico mais digno e adequado à legislação educacional em amplo sentido como corpo de funcionários, determinação dos níveis de ensino, capacidade de alunos etc.

A Escola Municipal Nossa Senhora de Aparecida não é apenas o espaço de educação formal, é o espaço do lazer da maioria das crianças, adolescentes, jovens, pais de alunos, pois é nela que acontece significativa parte das mobilizações culturais na comunidade. Ela já foi palco de orgulho dos moradores por servir como locação para uma novela de uma emissora nacional, a escola é mais um lugar afetivo dos moradores do Lago do Catalão.

Suas contradições passam principalmente pela reflexão de um currículo adaptados às águas, o tradicionalismo curricular observado na organização da escola e mesmo na condução da gestão que tensiona, dialetiza com o devir das águas que submete o calendário escolar ao regime de enchente e vazante, os hábitos alimentares, o tempo da natureza que rodeia o espaço físico da escola, mas também o espaço simbólico presente na fala dos alunos na sua relação com as águas.



Figura 14: Gincana realizada em alusão ao Dia do Estudante.
Fonte: SOUZA, Souza, 2020.



Figura 15: Competição de dança.
Fonte: SOUZA, Deise 2019.



Figura 16: Transporte escolar.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.

Na comunidade do Lago do Catalão, a água é a estrada, o quintal, o trabalho, o lazer é o lugar do simbólico. Na fala de um dos entrevistados, este olhar se confirma quando ela afirma, *“Eu já me acostumei a morar em cima d’água, eu vou pra terra e aí eu tenho a impressão que tem o tempo todo areia no meus pés (risos)”* (Rosa Lima, 71 anos, doméstica).

[...] a água é lugar de passagem ou travessia, é ponto de navegação, de deslocamento de um continente a outro, de contato corpóreo: o banho com significação sagrada ou profana realiza essa possibilidade, propiciando a ultrapassagem da emoção do olhar – da melancolia ou da alegria dos olhos. É quando se toca nas águas, mergulha-se em sonhos, purifica-se o corpo e a alma, ou quando simplesmente a estes fornece-se o gozo em ato lúdico. (CUNHA, 2000, p.18)

Vemos que a relação com a água está longe de ser apenas uma relação com um elemento físico, mas sim como lugar, como casa limpa, um lugar de extrema intimidade, ou seja, a casa física é o flutuante, mas a casa simbólica é a água em si mesma. Nos saberes dos moradores do Lago do Catalão, estão inscritos de forma articuladas os processos de relação com a água, no aspecto ecológico, econômico e cultural. Leff (2001, p. 279) lembra que o conhecimento intervém em todo processo de significação do mundo e de apropriação da natureza e isso resulta na condensação do material e do simbólico sob o mesmo teto, o saber.

Em Bachelard (1998) a ideia da água está carregada do *antropos* em símbolos, em atos, ou seja, água pensada em substância e sonho, matéria e imaginação. As águas dos lagos da

comunidade do Catalão são *locus* de práticas sociais e simbólicas coadunadas de tal forma que em certos momentos é difícil distinguir um e outro, principalmente quando os moradores expressam a construção simbólica a partir do espaço marcado pelo impreciso, mas também pela prodigalidade das espécies animais e vegetais (DIEGUES, 2000a).

A água é um elemento da vida, robusta de significados sejam materiais e imaginários. Na várzea a água é condição fundamental e vital para a existência física do homem no seu aspecto mais básico, ingerir água, ao seu aspecto mais complexo, que se inscreve no domínio simbólico enfeixada de tantas imagens e significados. Observamos isso nos ritos cotidianos como horários para pescar, tomar banho de rio, nos cerimoniais religiosos de batismo cristão, nos elementos mitológicos que emergem nas histórias do boto, no cultivo de plantas, na fecundação da terra e da alma (CUNHA, 2000)

Na psicanálise, a água é espelho porque traz a ideia do narcisístico que em outras palavras revela a face e a utilidade psicológica da água.

[...] a água serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho de nossa contemplação íntima. Os espelhos são objetos demasiado civilizados, demasiado manejáveis, demasiado geométricos; são instrumentos de sonho evidentes demais para adaptar-se por si mesmos à vida onírica [...]. Diante água que lhe reflete a imagem, Narciso sente que a beleza continua, que ela não está concluída, que é preciso concluí-la. Os espelhos de vidro, na vida luz do quarto, dão imagem por demais estável. Tomarão a ser vivos e naturais quando pudermos compará-los a uma água viva e natural, quando a imaginação renaturalizada puder receber a participação dos espetáculos da fonte e do rio. (BACHELARD, 1998, p. 23)

O aspecto simbólico do espaço transformado em lugar faz emergir um aspecto do que Paes Loureiro (2015) chama de numinoso, um lugar onde não se distingue o real, o simbólico e o encantado. Na fala de alguns moradores isso se traduz nas diversas histórias que envolvem as águas. Esse espaço como lugar de contemplação é pedagógico, porque ensina a relação com água pelo temor das entidades, mas também é consolo psíquico dos dias cansados, das frustrações, das vitórias.

A vizinha aqui do flutuante da frente relata que aqui existia uma coisa sobrenatural, existia uma criatura que ela não sabia o que era, mas formava um tufo d'água e vinha andando que nem uma aranha grande sobre a água de um lado pro outro. As pessoas acham que é lenda urbana, mas a senhora sabe que antes quando existia mais pai de santo, curador, as pessoas que benzia, que rezava...segundo ele (o curandeiro), ele disse que isso era uma entidade que existia aqui que tomava conta do lago todo. Quando as pessoas vinham de fora tentar degradar, bagunçar, ele fazia que as pessoas

vissem essa criatura. As pessoas acham que é lenda, mas eu acho que existe porque tudo tem um motivo, tudo tem uma causa e um criador, tudo existe. No meio desse rio só não tem peixe frito, mas o resto tem coisas que é abominável aos olhos humanos ver. Tem pessoas que vai confirmar aí lá pra cima essa história. Aqui também não pode tá caindo na água qualquer hora porque tem uns jacarés grandes. Ano passado mesmo aconteceu de aparecer um jacaré, aí o genro do seu Mauro avisou, achavam que era um tronco, ninguém deu crédito. Ele foi lá filmou e mostrou e capturaram o animal. Tomar banho de “pulo” tem que ter cuidado. Aqui a gente tá na margem do rio, as pessoas têm noção do respeito com o rio. Um horário desse aqui (9:36) é excelente, mas chegando meio-dia, já pra parte da tarde já fica um pouco perigoso. Essa noção todo mundo tem. (Francisco Edson Pereira da Silva – 31 anos – prestador de serviço na escola)

Nas diversas formas de adaptabilidade dos moradores do Lago do Catalão se observa a racionalidade subjacente, uma racionalidade forjada no ambiente que exige destes moradores as respostas possíveis para viver em harmonia.

Leff (2001) nos lembra que o saber ambiental reafirma o ser no tempo e o conhecer na história, pois nos conduz ao estabelecimento de identidades e territórios de vida, posiciona a vontade de poder alinhada com a vontade de saber. Não quer dizer que não encontremos contradições e conflitos nas relações sociais entre os moradores do Lago do Catalão, mas que os problemas passam por uma ordem de enfrentamento que não leva em conta questões individuais ou de ganhos pessoais; ao contrário, as iniciativas políticas levam em conta a ideia de uma coletividade, traduzida no termo comunidade, já discutida no primeiro capítulo deste trabalho.

Dentre os pontos que tensionam as relações sociais entre os moradores está a questão do tratamento do lixo. A comunidade Lago do Catalão é jurisdição do município de Iranduba e não recebe ou raramente recebe o serviço de coleta de lixo. Segundo um dos moradores a falta de regularidade na coleta, que acontece uma vez por mês, ou ainda uma vez a cada dois meses, leva os moradores a queimar o lixo pessoal ou levar para as lixeiras próximas no Porto da Cesa em Manaus, ou mesmo jogar no próprio rio.

Segundo dona Raimunda Viana, que tem um papel de liderança dentro da comunidade, o problema foi discutido em termos pedagógicos para evitar o descarte de lixo no rio, que entre outras coisas se acumulava com o movimento de seca e cheia. Depois a questão foi discutida em termos de uma possível solução que resultou na construção de uma casa flutuante que serve como lixeira pública e recebe os resíduos já coletados de forma seletiva.

Por fim, as estratégias de adaptabilidade que são fonte rica destes saberes sobre o ambiente, revelam tensões e conflitos que configuram o aspecto político dos moradores da comunidade, mas que também revelam seus modos de vida. Mas é no mundo do trabalho que

estes modos de vida ganham um contorno identitário de ribeirinhos, de moradores da várzea.

CAPÍTULO 3 - ESSE É O MEU LUGAR: MODOS DE VIDA DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO

3.1 ESSE É O MEU LUGAR: TERRITÓRIO E TERRITORIALIZAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO

Evidenciar as formas sociais de uso do território da comunidade Lago do Catalão é tarefa que exige a clarificação de categorias complexas pela sua dinâmica conceitual. Espaço, lugar, território, territorialização têm um leque conceitual e semântico que reflete rigidez, elasticidade, subjetividade, delimitação, identificação, jurisdição etc. Para Segatto (2005), essas categorias cumprem funções de sentidos e colaboram de forma particular para a compreensão da vida humana em suas dinâmicas de reprodução social. A variedade de abordagens sobre espaço natural, segundo a autora, revela a debilidade de nossas apropriações discursivas, pois o espaço natural sempre é atravessado de crises históricas, catástrofes naturais que denunciam sua capacidade de apreensão frente à realidade inapreensível.

Para fins de elucidação destas categorias, referenciadas em Segatto (2005), o espaço, em termos teóricos, acata o plano simbólico ordenador de sentido; é uma expressão do plano real, uma pré-condição da nossa existência/pensamento como visto em Kant (1989), e por isso mesmo é também uma realidade inalcançável que vai além das tentativas de classificação que lhe atribuímos. Assim, o espaço é ao mesmo tempo, *“rígido e elástico, contido e incontido, narrável e não narrável, comensurável e furtivo”* (SEGATTO, 2005, p. 2).

Esse conceito de espaço encontra similaridade em Tuan (1983), pois reflete sobre o sentir e pensar o espaço, numa perspectiva da experiência humana, explicitando o elemento subjetivo e indeterminável. Para o autor, o antropocentrismo do lugar, constantemente reforçado através das experiências cotidianas, conflita não só existencialmente, mas também epistemologicamente com o conceito de espaço pulverizado. Na relação dialética entre homem e lugar, resultado da construção do próprio homem, podemos observar que objeto (espaço-ambiente) se revelaria sujeito (lugar) e que os significados decorrentes dessa ligação conduziram as ações humanas. Sendo a natureza do lugar e do espaço relativa, variaria de acordo com a experiência ambiental em seus muitos matizes: cultural, social e histórico.

2) As relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato que “lugar”. O que

começará como espaço indiferenciado se transforma em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar, podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e da estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6)

No espaço que compreende a comunidade Lago do Catalão, espaço real e subjetivo, material e simbólico, é compreendido nas várias dimensões da experiência, como na construção dos flutuantes e a relação de aspecto uterino com a casa. No entanto, o homem se constitui na dimensão do trabalho (MARX, 1982), e nesta dimensão da vida, o lugar ganha interpretação sócio-política: território.

O território nasce como representação, é o espaço representado e apropriado, concebido nas diversas narrativas de poder, jurídica, política, científica. O território nos remete precisamente para a apropriação política do espaço, que segundo Segatto (2005, p. 2) “*tem a ver com sua administração e, portanto, com sua delimitação, classificação, habitação, uso, distribuição, defesa e muito especialmente, identificação.*”

Nas discussões de Sposito e Saquet (2016) podemos encontrar uma confrontação dos conceitos de território e lugar na produção do espaço além de sua dimensão material. Estes autores trazem a ideia de agentes modeladores que precisam ser observados de tal forma que seja possível identificar o plano do simbólico. Em suma, as transformações do espaço não estão circunscritas às dimensões materiais, apenas, mas também por meio (e como conteúdo) das imagens e suas identidades espaciais. Desta maneira, os grupos sociais produzem uma “*representação social [ou socioespacial] de si mesmos*” (p. 88). Ainda em Sposito e Saquet (2016), o conceito de território ganha um elemento novo, os das relações de poder, além de entender a territorialização como objetivação do controle espacial, conferindo à ideia de território um elemento essencialmente político.

A partir daí, a definição de território está bem delimitada porque é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (p. 33), como se fosse um “campo de força, definido pelas relações de poder entre os agentes e tendo como referência um substrato espacial” (p. 33). Nestas afirmações, é possível confirmar o que Souza já fizera em 1995, no texto anteriormente citado, reafirmando o território definido e delimitado por e a partir de relações de poder e indo além, para trazer a metáfora do campo de forças e sua referência, o substrato espacial. (SPOSITO; SAQUET, 2016, p. 88)

Podemos então inferir, segundo os autores mencionados, que o território como representação social está necessariamente associado a sujeitos individuais e coletivos, unidades políticas, órgãos e aparelhos estatais. Não cabe em apropriações singulares, sejam elas científicas, jurídicas, políticas, culturais. Sua construção é marcada, desenhada, delimitada pela presença de quem controla, sejam sujeitos individuais ou coletivos. O território é atravessado pelo domínio do poder. Nas palavras de Segatto (2005, p. 3)

[...] não existe território que não venha acompanhado de uma ideia de fronteira. Limite e território em uma definição tributária da noção de “territorialidade” de Roberto Sack (1986), são noções correlativas, indissociáveis, e isto se deriva em noções várias de adjacência, continuidade, contiguidade, descontinuidade e alteridade. Não há território sem sujeito de apropriação – sujeito em posse e em posição; e não há território sem Outro. *Território* é, nessa perspectiva, realidade estruturada pelo campo simbólico e, como o *espaço* é do domínio do real suposto, mas alcançável em si, só acessível nos formatos que a fantasia lhes permite assumir – entendendo como concreções do imaginário espacial de uma época e cultura, as linguagens da arquitetura e do urbanismo, os circuitos recorrentes da transumância individual ou coletiva, e as paisagens a que nos apegamos – o *território* é a dimensão econômico-política desta realidade imaginária [...].

Em suma podemos afirmar que o lugar é a metamorfose empreendida pela experiência ao espaço onde o sujeito coletivo e individual se estabelece, lugar de concretização das produções do espaço território, lugar do devir das materialidades do espaço físico, natural, o lugar inegável da experiência. Essas caracterizações das categorias mencionadas aquiescem ao território um significante de identidade, ferramenta ativa na construção de identidades (ribeirinhos, quilombolas, indígenas).

Little (2018) ainda caracteriza o laço afetivo dos sujeitos com o território usando o conceito de cosmografia que é a apropriação do território pela via dos saberes ambientais, ideologias e identidades individuais e coletivas criadas e situadas historicamente. Este conceito ainda compreende seu regime de propriedade, a história de sua ocupação pela memória coletiva, os usos sociais do território e as formas de defesa dele.

Trazendo para o contexto local, pensar os territórios a partir das relações de identidades, solidariedade, conflitos, significa lembrar que este conceito foi amplamente acionado como ferramenta de políticas públicas por técnicos de planejamento, legisladores, mas também por grupos sociais como afirmação de seus direitos. Assim, falar de território na Amazônia significa adentrar uma esfera complexa, tarefa que não vamos empreender neste trabalho. No entanto, vamos pinçar, apoiados em Alphandery e Berges (2004 *apud* Esterci e Schweickardt, 2010) a distinção dos territórios produzidos para fins de ação pública e de representação política que

tem por fim a gestão local e os territórios construídos de forma mais difusa, menos institucionalizada, “*como manifestações das diversas formas de apropriação dos espaço que os indivíduos e os grupos sociais produzem e transformam no curso das relações que estabelecem entre si e com o meio*” (p. 60). Esta segunda definição se amolda à ideia de espaços onde os sujeitos individuais e coletivos organizam, dão contorno por meio de suas práticas materiais e simbólicas, mais uma vez aproximando a ideia de lugar como espaço experienciado.

Em outras palavras, as especificidades dessas práticas vividas e impressas ao espaço podem ser conhecidas nos inúmeros estudos sobre os povos indígenas, quilombolas, faxinais, fundo de pasto (ALMEIDA, A. 2008) e por pequenos produtores como os camponeses das várzeas amazônicas (WITKOSKI, 2007).

A organização econômica destoante, em sua essência, da organização capitalista, se baseia na unidade familiar de produção e consumo. Observa-se um relativo distanciamento que podemos traduzir por relativa autonomia, em relação à sociedade em que está inserida e sua extrema capacidade adaptativa aos diversos sistemas e movimentos instáveis no âmbito socioeconômico. Isto confere às formas camponesas de apropriação do espaço singularidades no que tange à segmentação, domínio, apropriação, simbolismos (ESTERCI, SCHWEICKARDT, 2010).

Atribui-se a estas singularidades natureza epistemológica, social e política; esta última em sua face positiva e negativa, como é o caso da ausência de agências estatais, órgãos governamentais que contribuem para uma apropriação diferenciada do espaço. Existe uma diversidade de uso e formas de domínio sobre as áreas de terra firme e várzea, nas quais se praticam de forma conjugada pesca, agricultura, extrativismo.

Little (2018, p. 251) afirma que a diversidade sociocultural brasileira reflete sua “*extraordinária diversidade fundiária*”. Apoiado em Diegues (2001) e Almeida (1989), o autor cita essa diversidade nas múltiplas e ricas experiências de territorialidade de índios, quilombos, pescadores artesanais, praieiros, campeiros, jangadeiros, caiçaras, caboclos, varjeiros etc.

Esse grande leque de grupos humanos costuma ser agrupado sob diversas categorias – “populações”, “comunidades”, “povos”, “sociedades”, “culturas” – cada uma das quais tende a ser acompanhada por um dos seguintes adjetivos: “tradicionais”, “autóctones”, “rurais”, “locais”, “residentes” [áreas protegidas] (...). (LITTLE, 2018, p. 251)

Há entre os moradores da comunidade do Lago do Catalão diversas formas de

apropriação do território revelando em suas práticas atividades cognitivas alicerçadas por saberes que são articulados com processos ecológicos, culturais e tecnológicos. Essa síntese expressada nos processos de intervenção no ambiente marca de modo significativo como os moradores do Lago do Catalão constroem os diversos modos de significação que orientam suas práticas sociais e produtivas.

Little (2018, p. 253), afirma ser a territorialidade o esforço coletivo de ocupação, uso controle e identificação por parte de grupo social com seu ambiente biofísico transformando-o assim em seu território. Este planejamento do uso do território e os saberes ligados a este uso exige uma racionalidade que opera sobre o ambiente territorializando-o.

Na história as formas de apropriação se dão pelo fenômeno humano do trabalho e desde os tempos imemoriais o homem produz o trabalho como construção de si mesmo no processo de dominação, intervenção, apropriação da natureza. A divinização da natureza elege a água, a terra, o ar e os demais elementos como dominadores da ordem material no pensamento mítico; o trabalho existe nessa luta constante entre divino e humano. No entanto essa ordem é circularmente transformada quando acontece o nascimento da filosofia, com os filósofos da natureza conhecidos como pré-socráticos.

A filosofia é consequência da observação, compreensão, racionalização dos processos naturais. Isto é claramente a expressão do trabalho do pensamento sobre a natureza. Sobre esta tarefa de compreensão desta relação encontramos dos antigos aos contemporâneos reflexões manifestas e latentes, visto as múltiplas possibilidades de problematização desta relação.

Na modernidade observamos a inauguração da dualidade homem-natureza como forma dominação do homem, o que já sabemos teve como umas das consequências a crise ambiental que vivemos. Na contemporaneidade Marx e Engels (1986) refletiram sobre o trabalho como fundante da relação entre homem e natureza. A mediação das relações entre os homens acontece pelo trabalho e nessa mediação acontece a multiplicação de sentidos, trocas de conhecimentos e a concepção unitária e reducionista da relação homem e natureza dá lugar à complexidade, própria do devir. Como consequência desse processo complexo, resulta a transformação da natureza e do homem nesse movimento circular e contínuo. O conhecimento é característica dessa mediação e assim lembra Witkoski (2007, p. 131)

Não se pode separar *Homo sapiens* (o homem que sabe, reflete e pensa) do *Homo faber* (o homem artífice, artesão e/obreiro). O ato de trabalhar humano é, desse modo, mediado por uma concepção prévia, a ação humana é sempre uma ação teleológica,

de sentido genérico, que é respaldado por “qualquer” tipo de conhecimento. O espírito prático é o espírito que, mediado por esse prévio conhecimento intencional, estimula a ação do homem sobre a natureza, transformando-a em valores de uso fundamentais para a sua existência individual e coletiva.

Logo, o homem distingue-se dos outros animais por sua atividade produtiva. Nesse sentido, o trabalho não é mais um traço, entre outros da existência humana. O trabalho é traço fundante – apesar de uma parte do discurso acadêmico sustentar a tese da descentralidade do trabalho no mundo moderno.

Mas como acontecem as formas de uso do território entre os moradores do Lago do Catalão?

Podemos caracterizar os espaços como territórios de uso comum que, segundo Diegues (2001), são florestas, campos, lagos, lagoas, áreas contíguas às praias, que foram ou são apropriadas coletivamente. Compreende também áreas de terras devolutas e que não têm documento de propriedade. Pertencer ao coletivo chamado comunidade Lago do Catalão e partilhar do conjunto cultural-simbólico-material que identifica os moradores legitima o acesso aos recursos naturais através de normas que são pactuadas coletivamente e regulam o uso do território considerado de uso comum. Muitos territórios de uso comum sofrem pressão da expansão urbana, especulação imobiliária (principalmente em regiões de praia), outros foram transformados em terras públicas como o estabelecimento de áreas protegidas.

Há de se destacar que a comunidade Lago do Catalão guarda relações de proximidade e interação mais regular, podemos até dizer contínua, com a capital a partir do Rio Negro. Isto influencia nas formas de uso do território de muitas formas e quando se trata das discussões que envolvem a quantidade de flutuantes, observamos que foi estabelecido pelos moradores que não serão mais aceitos novos flutuantes já que o número atual são 110 famílias.

Aqui não pode mais entrar novos moradores aqui, aqui a gente tem 110 famílias. Não dá mais pra botar gente, aqui só pessoas daqui mesmo, mas de fora a gente não recebe mais como morador. Senão a gente perde o controle. A gente conhece todo mundo e sabe quem é estranho. Outro motivo, além da segurança dos moradores é que quando seca a gente depende de água de poço e já estamos no limite. Não tem mais recursos pra novos moradores. (Raimunda Viana, 57 anos, líder da comunidade)

A relativa proximidade com o centro urbano Manaus também influencia as estratégias de adaptabilidade pois encontra-se nesta proximidade formas de suprir com relativa facilidade¹⁰

¹⁰ No decorrer das entrevistas foi unânime a fala de que umas das maiores dificuldades no período de seca seria a dificuldade para ter acesso à água potável, já que além de andar toda a extensão da “Boca do Catalão”, cerca de 6 quilômetros, seria necessário pegar a embarcação, abastecer os garrafões com água potável e carregá-los para os flutuantes que neste período estariam sobre a terra.

algumas necessidades mais urgentes dos moradores como acesso à hospitais, produtos alimentícios, serviços etc.

Não há uma “descaracterização” dos modos de vida dos moradores do Lago do Catalão em virtude desta proximidade que parece ser administrada na medida em que o lugar sobressai como *locus* afetivo, pelas características que em sua substancialidade diferem do espaço urbano. Neste sentido, parece haver uma mesura entre os impactos dos modos de vida urbano e a afirmação dos modos de vida dos moradores que se reconhecem como ribeirinhos (todos os entrevistados se auto representaram ribeirinhos) e que sentem orgulho do modo de vida construído sobre as águas.

Essa teia complexa sobre concepção e uso do território passa pela identidade e ressalta que categorias ora congeladas pelos estudos de cultura, territorialidades marcados por um pensamento essencializado onde as identidades são demarcadas a partir de um conjunto de critérios que muitas vezes é atribuído por um outro não se sustenta e nos permite compreender que existem identidades que podem ser “*apropriadas ou descartadas, vestidas ou despidas, em um processo incessante de construção, criação e inovação*” (RODRIGUES, 2006, p. 120). Também nos revela um chaveamento e as intersecções existentes entre o rural e o urbano e outras tantas demarcações que passam pelos processos identitários na superação do essencialismo de determinadas categorias. Quando eles se auto identificam como ribeirinhos, pescadores, moradores da comunidade, isto envolve uma série de motivações que passam pela questão de acesso a direitos, questões culturais ou econômicas.

Ao observar e buscar compreender os modos de vida dos moradores do Lago Catalão, por exemplo, identificamos a coexistência de práticas marcadas pelas identidades ribeirinhas, como uso da terra e da água através do roçado e da pesca com utilização de instrumentos de baixa potência predatória combinado com o desejo de ter acesso cada vez mais a bens de consumo mais sofisticados como câmara de vigilância para os flutuantes, motores de popa mais potentes, TV, freezers.

A entrevistada Raimunda Viana, presidente da comunidade, fala sobre seus desejos para a comunidade pinçando que a geração de renda precisa exceder ao trabalho da pesca para que melhore o que ela chama de *qualidade de vida*, termo aqui cunhado pelo aumento da capacidade de consumo.

Definir qualidade de vida, *eu sempre sonho e busco coisas pra gerar emprego*. Hoje

temos a escola que gera emprego para 6 pessoas da comunidade, já melhorou a qualidade de vida daquelas pessoas. Hoje eu luto pro prefeito me dar um gari daqui da comunidade pra melhorar a qualidade de vida daquela pessoa. Então buscar qualidade de vida é buscar gerar renda para as pessoas daqui.

Eu sonho em construir uma casa grande pra receber o turista e lá colocar umas 10 ou 15 famílias, cada uma numa banquinha vendendo suas coisinhas. Seria pra mim um novo sonho. Porque aqui tem o pescador que recebe aquele seguro, mas tem que pagar uma mensalidade por ano, ou depende de um bolsa família, então essas pessoas vivem, não passam necessidade, mas tem uma vida difícil, uma vida limitada. ***Qualidade de vida significa gerar renda para as famílias terem uma forma de vida mais digna.*** (Raimunda Viana, 57 anos, líder comunitária, grifo nosso)

Quando perguntado sobre o senso de pertencimento à comunidade os entrevistados responderam de forma similar

Assim, eu gosto tanto desse lugar que eu não penso em mudar daqui. Às vezes eu me decepciono, aí eu quero me desligar, as vezes eu vejo que as pessoas têm um pensamento contrário do meu e isso acaba impedindo nosso sucesso, de querer alcançar as coisas pra cá. Mas se eu fosse sair daqui não seria pra Manaus, como eu já tenho sítio... Eu nasci me criei no interior, eu gosto daqui, mesmo sendo em cima da água eu já me adaptei tanto que pra mim tudo é normal. Então eu não penso em morar em Manaus. (Raimunda Viana, 57 anos, presidente da comunidade)

O entrevistado Edilson Alves Viana – 41 anos, trabalhador da Cooperativa de Transporte Aquaviário, também confirma o sentimento do lugar

Eu me considero ribeirinho porque eu moro lá, né (Catalão), apesar de tá próximo da cidade, dez minutinhos perto da cidade. Eu tenho costume da pescar, de comer peixe. Vivo 30 anos lá e não tenho vontade de sair de lá, de lá eu só saio morto. Lá é muito tranquilo, eu gosto demais de lá.

As formas de uso do território a partir do mundo do trabalho acontecem invariavelmente pela simbiose entre modo de vida e ambiente. Não podemos esquecer em nenhum momento que a água ocupa relativa centralidade nestes modos de vida seja como meio de produção dos recursos para a vida, seja como mediação para interação com os demais elementos do ecossistema. As práticas do mundo do trabalho no Lago do Catalão giram em torno de quatro atividades básicas: pesca, práticas agrícolas, serviço de serraria e serviço público. Embora as atividades mencionadas tenham mais destaque no mundo do trabalho entre os moradores, observamos que existe também um pequeno comércio de produtos e serviços dentro da própria comunidade e a atividade do turismo.

A pesca possui mais representatividade no uso do território, por ser a principal fonte de

proteína das famílias da comunidade além de principal fonte de renda, tanto em termos de comércio quanto no recebimento de benefícios estatais como o seguro defeso¹¹. Ocorre o ano todo, sendo praticada tanto na cheia como na vazante dos rios, e realizada nos vários lagos que compõe a área denominada Lago do Catalão.

Há na comunidade os pescadores “profissionais”, ou seja, aqueles que praticam a atividade com regularidade para fins comerciais. A pesca é essencialmente artesanal por não fazer uso de arreios predatórios ou de grande impacto ao ambiente como arco e flecha, zagaia, pequenas malhadeiras, caniços. Para Noda *et al* (2001, p. 196), a pesca é “executada, quando para o consumo, pelos adultos e jovens do sexo masculino e pelas crianças, como mecanismo de liberação dos outros membros da família para outras atividades e como processo educativo sobre o manejo do ambiente aquático.”

Entre os moradores da comunidade o que pudemos perceber é que esta demarcação mencionada por Noda *et al* (2001) é um pouco diferente, pois atende fins sociais e jurídicos identificando quem participa dos programas governamentais como seguro defeso e na sua totalidade são homens. Na prática, mulheres e homens pescam parecendo não haver uma demarcação deste trabalho em termos de gênero. Aliás, quando a atividade que mais gera renda na família não é a pesca, ou seja, está ligada ao turismo, ao comércio, aos cargos públicos dentro da escola, a pesca passa a ser uma atividade mais exercida por mulheres. Esta aparente inexistência de divisão de tarefas entre homens e mulheres esconde algumas contradições, pois quando se trata das práticas agrícolas pudemos perceber que quem mais planta são mulheres, o que segundo elas, é um trabalho extremamente cansativo por razões que ainda vamos explicar neste capítulo.

Na cheia quando cobre tudo a gente trabalha sempre com pesca, venda de peixe, outros tem um ganhozinho da pesca, são associados. Na seca não, já fica melhor pra pescar mesmo, já tem um roçado. Sempre pra trabalhar é melhor verão do que inverno.

Eu tenho um roçadinho na Terra Prometida (ponta do catalão). A gente vive numa briga aí com um homem que se diz dono da terra. A gente mora aqui no flutuante e precisa de um pedaço de terra pra plantar, mas Deus é maior.

A gente **não** tem benefício do seguro enchente, esse rancho que a defesa civil manda pros outros ribeirinhos não vem pra gente porque eles acham que a gente não precisa, mas quando enche a gente não tem um pedaço de terra pra plantar nossa melancia, nosso milho...a gente somos os primeiros desabrigados, porque a gente não tem onde plantar nossa melancia, jerimum, milho e vender.

Que é aposentado tem até seu dinheirinho, mas quem não tem fica difícil.

Como acontece o comércio do peixe?

11 Serviço que permite ao pescador profissional artesanal solicitar ao INSS o pagamento do benefício de Seguro-Desemprego do Pescador Artesanal durante o período de defeso, ou seja, quando fica impedido de pescar em razão da necessidade de preservação das espécies.

O peixe é vendido aqui tudo na comunidade, as vezes quando sobra o pessoal leva pra vender na Ceasa. (Rosa Lima, 71 anos, doméstica)

O devir das águas é também o devir do território, as tensões que giram em torno do trecho de terra que atualmente se planta também é objeto de relativa tensão entre os pouquíssimos criadores de gado e os moradores que fazem uso deste espaço apenas por poucos meses. Não existe ainda nenhuma forma organizada de luta contra estas intempéries com os proprietários de gado. Percebemos pelas tímidas falas de alguns moradores pequenas tensões como a perda de trechos de plantações que foram pisoteadas pelo gado, ameaças veladas, um “disse-me-disse”. Contudo, é certo que os moradores também não padecem ainda das ameaças que sofrem muitos ribeirinhos da Amazônia pelas mineradoras, atividades agropecuárias extensivas ou mesmo a imposição de áreas protegidas que restringe ou proíbe o acesso ao uso do território. O devir das águas que submerge a terra, leva e traz os sedimentos que a fertilizam se alinha com a vida dos moradores assegurando seus modos de existência naquele território. A natureza se transveste de mãe no movimento das águas protegendo quem acaricia a terra na plantação e na colheita.

As atividades de plantio acontecem entre agosto e janeiro, período de vazante do rio. A comunidade tem uma história bem peculiar sobre a atual área de plantação pois não havia um lugar específico próximo à comunidade onde os moradores pudessem plantar. Este território foi um presente do devir das águas.

Ocorre que pelo fenômeno das terras caídas, a comunidade dantes conhecida como Costa do Catalão deixou de existir, o devir imperioso das águas depositou os sedimentos criando assim uma faixa de terra inundável onde hoje acontece o plantio de diversas espécies como macaxeira, mandioca, jerimum, milho, pimenta de cheiro, cará, batata doce, melancia. A forma de divisão da faixa de terra é o resultado da autogestão do território de uso comum. Quando o terreno não é usado, o morador passa para um parente: todos têm respeito pelos limites que cabe a cada um, cuidando mutuamente do plantio.

A Costa do Catalão acabou, deslizou tudo e acabou. as terras caídas de lá ficou aqui próximo ao encontro das águas, isso faz mais de 15 anos e foi criando várias ilhas. Aí quando foi em 2015, porque aqui praticamente todo mundo vive da pesca, quer dizer, não depende só da pesca, mas todos pescam. quando foi em 2015 não saiu o “defeso”, porque aqui as pessoas juntam aquele dinheirinho para comprar os botes, as malhadeiras e vários fizeram essas compras e não saiu o defeso. Aí a senhora sabe que é esse pessoal sem nenhuma renda, sem nenhum salário. Eu me perguntei “meu Deus, o que vai ser desse povo” porque os bancos não perdoam. Um dia o compadre João disse, comadre ali tem umas terras que dá de a gente plantar. muitas pessoas queriam

plantar, mas não tinha terra, essas terras lá a gente não percebia por que estava alagado. Fui lá em 16 de junho, eu e mais duas famílias que queria plantar também e a gente chegou lá e viu um metro de terra, chamei de Terra Prometida. Cheguei e já coloquei no grupo (WhatsApp), “gente, lá tem uma terra. as terras da Costa do Catalão desceram e agora dão pra plantar. No outro dia, eu e mais outras pessoas fomos lá e já começamos a medir, dividindo mais ou menos o que era de cada família. Essa terra foi prometida de Deus porque aquelas pessoas que aquelas famílias de 7, 8 pessoas que tinham que comprar todo dia 2 quilos de farinha pra passar o dia, hoje todo mundo planta, tem o beiju, tem o pé-de-moleque, tem a macaxeira, tem a farinha armazenada. Eu tenho meu emprego na escola, mas eu planto com o maior prazer, eu faço farinha, vendo farinha, a gente tem farinha armazenada da terra prometida. A comunidade da costa do catalão de acabou, mas a água trouxe a terra que a gente planta. (Raimunda Viana, 57 anos, presidente da comunidade)

As visitas à área do plantio ocorrem pelas embarcações chamadas voadeiras ou mesmo canoas: à medida que o rio sobe as distâncias ficam maiores e o cálculo da visita para limpar a área cheias de canaranas (que fixam suas raízes e se reproduzem com muita facilidade devido à alta fertilização da terra varzeana), plantar e colher seguem critérios que estão ligadas à essa cognição sobre o ambiente.

Este cálculo diz respeito ao melhor momento para enfiar os “tocos de maniva”, realizado quando a terra ainda está úmida, como afirmam os moradores, exigindo uma habilidade enorme ligada à rapidez com que se enterra os pedaços de maniva para que o plantador não fique atolado na área. A sensação de calor é intensa e a velocidade com que se planta poupa a exposição extenuante ao sol. Segundo a entrevistada Maria Aldeneide Ferreira, 40 anos, professora, quem mais planta são as mulheres.

Os homens vão mais pra roçar (limpar a área) e cavar, mas quem mais trabalha são as mulheres. Se planta mais mandioca e macaxeira porque é mais fácil. Dá pra plantar melancia, mas pra levar tem que ser por terra porque a época que colhe já está seco e aí pra chegar só por terra, é muito longe.

Também é levado em conta a melhor posição para enterrar a maniva, na perpendicular para facilitar na hora da retirada da terra. A farinha, que é o produto da maniva, juntamente com o pé-de-moleque, goma da tapioca e tucupi, nos fazem refletir sobre o quão o trabalho é explorado pelo baixo preço pago aos produtores por estes produtos, mas que em mercados e feiras chega a custar o dobro ou triplo do valor pago a eles. Em campo registro a experiência:

20 de agosto de 2019 - Hoje acompanhei uma família (3 mulheres e um homem que conduziu a embarcação) no plantio. Cortamos as manivas no flutuante por volta das

7:00, ensacamos e saímos as 7:45 em uma embarcação do tipo voadeira, rumo à área do plantio chegando por volta de 8:00. A posição de agachamento para “enfiar” na terra úmida e quente os pedaços da maniva, a sensação térmica de 40 graus em uma sauna e a leveza com que tínhamos que executar essa tarefa exigia conhecimento do ambiente, destreza e habilidade para se equilibrar evitando o atolamento. Uma atividade extenuante.

Era só o início do plantio e percebi a alegria no olhar das mulheres falando de quando tudo aquilo estivesse crescendo e dando as mandiocas mais bonitas. O condutor da embarcação ficou nos observando enquanto tentava se equilibrar em cima de uma tábua e mudando constantemente de lugar para não afundar na lama.

Às 10:00 fui instada a arrumar os baldes e sacos que levamos e parar para merendar porque já era insuportável o calor e ainda tínhamos que nos lançar na aventura do retorno passando pelos córregos do rio que secava numa velocidade incrível. Fui alertada, “temos que ir porque senão não conseguiremos voltar pelo mesmo trajeto, já deve ter secado”. Achei um exagero, não fazia 3 horas que tínhamos passado ali, mas ao retornar, uma de nós teve que descer da pequena voadeira para desencalhar. O devir das águas é imperioso.

Pude perceber que além de conhecer, valorizar e afirmar o conhecimento dos ribeirinhos é necessário também “des-romantizar” seu trabalho, monetarizar dignamente todos os processos que geram um produto que não serve apenas para o alimento mas para a conservação do ambiente, visto que o emprego dos instrumentos manuais para essa prática agrícola não degrada.



Figura 17: Preparo da maniva para o plantio.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.



Figura 18: Ponto de apoio e descanso para pescadores e roceiros.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.



Figura 19: Área de plantio.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.



Figura 20: Início do plantio.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.

3.2 PARA ALÉM DO MEU LUGAR: MUNDO DO TRABALHO E PRODUÇÃO DOS MORADORES DO LAGO DO CATALÃO

No final de janeiro, os moradores começam a arrancar da terra as mandiocas para começar a fase de produção da farinha e do pé-de-moleque, uma espécie de bolo de mandioca preparado da massa da mandioca assada no forno de fazer farinha. O lugar onde se faz a farinha e outros derivados da mandioca é a Casa de Farinha, um flutuante com um fogão enorme chamado de forno, onde se torra a mandioca triturada transformando-a em farinha. Na comunidade, existem três flutuantes que são utilizados para torrar farinha. Um deles é de uso coletivo, pertencente a associação da comunidade e utilizado por agendamento prévio e os demais são de moradores que alugam ou emprestam. Como agradecimento, os que são beneficiados pelo empréstimo do local recebem uma pequena parte da produção de farinha.



Figura 21: Descasque da mandioca.
Fonte: Raimunda Viana, 2020.



Figura 22: Produção de farinha.
Fonte: Raimunda Viana, 2020.



Figura 23: Preparação do pé-de-moleque.
Fonte: Raimunda Viana, 2020.



Figura 24: Pé-de-moleque pronto para comercialização.
Fonte: Raimunda Viana, 2020.

Essa produção fica quase toda na própria comunidade; pouco se vende para mercados ou feiras. Não por que não haja interesse, mas porque o aumento da produção e da produtividade só acontece pelo aumento da força de trabalho utilizada e há de se levar em conta que a extensão de terra onde as famílias plantam não é tão grande e só passou a ser utilizada em 2015. A média

de membros de cada família varia entre 4 e 6 pessoas. Pouquíssimos moradores possuem roças particulares em terra firme ou em sítios, que são propriedades particulares onde existe pomar, uma diversidade de produtos vegetais (legumes, hortaliças) e pequenos animais.

Em dados coletados em 2012 na Prefeitura Municipal de Iranduba, segundo Santos (2013), o número de habitantes da comunidade era de 347 divididos e 106 famílias. Em entrevista, a presidente da comunidade nos informou que hoje são 110 famílias.¹²

Faixa etária		0 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 39	40 a 49	50 a 59	60 ou mais
SEXO	Masc	20	27	16	31	59	12	9	18
	Fem	10	22	17	20	58	8	12	8

Tabela: Dados populacionais por faixa etária e gênero da comunidade Lago do Catalão.
Fonte: Santos, 2013.

Não observamos na área a criação de animais para fins comerciais, embora haja criadores de gado nas proximidades que não fazem parte da comunidade. Como já mencionado, os proprietários destes animais marcam um tipo de relação de poder com os moradores, porque requerem a propriedade da área onde atualmente os moradores fazem suas roças, criando situações onde permitem que seus animais pisem nas plantações e coisas parecidas. Sob outro aspecto, percebemos a existência de comunidades bem próximas ao Lago do Catalão, onde há criação de gado e são improvisadas as marombas nos períodos de cheia¹³. Esta prática da criação de gado não aconteceu no Lago do Catalão, mostrando que embora o ambiente físico comum e respostas culturais diferentes.

O lago do Catalão que dá nome à comunidade não é um lago único; o nome Catalão generaliza a área, mas existe vários corpos d'água onde ocorre a pesca, dentre eles o lago do Padre, bem conhecido não só por fornecer o alimento físico que é o peixe, mas também os

¹² Não pudemos obter dados atualizados de números de habitantes em função da pandemia mundial do coronavírus e fechou os órgãos que poderiam fornecer esta informação. De qualquer forma, as famílias diversificam suas atividades e a produção agrícola não tem centralidade, sendo o trabalho dividido em várias frentes.

¹³ Construção de madeira; um curral suspenso que serve para abrigar os animais que ficam confinados em virtude das cheias dos rios. Quem cria gado sai em busca de comida para alimentar os animais até que as águas comecem a baixar e eles retomem a autonomia de busca pelo alimento. Segundo Sternberg (1998) essa estratégia é uma resposta adaptativa mais cultural já que os moradores poderiam transportar os animais para a terra firme; no entanto, esses criadores estariam convencidos de que os animais não se adaptavam bem ao ambiente de terra firme e perdiam muito peso. Atualmente, as estratégias se dão de acordo com a quantidade de animais que o criador possui e o emprego de uma racionalidade que permite que se escolha a melhor alternativa para salvar os animais.

alimentos do imaginário nas histórias de encantados sobre ele. Este referido lago é um pequeno bolsão em forma das letras U e I. Ainda existe o lago chamado Poção, um dos mais utilizados para pesca, tem forma circular e está localizado no centro desta área do Catalão. Neste caso, cabe uma observação sobre o modo como o lago do Padre é compreendido pelos habitantes, segundo Santos (2003, p. 40) *“para aquela população, o que o autor considera formato em —U—, seriam, dois lagos, onde de um lado estaria o lago do Padre, e do outro, o lago Madalena.”*

Na boca do Catalão, onde estão localizados os flutuantes, a criação de animais se restringe aos animais domésticos como gato, cachorro, papagaio, que para alguns moradores da comunidade é considerado doméstico. Alguns adaptam galinheiros; existe também a criação de pirarucus em tanques como atrativos para turistas, que visitam a comunidade e pouquíssimos para consumo próprio. A ideia da criação de pirarucus está associada à essa apreciação dos turistas em virtude de um dos moradores possuir um tanque com pirarucus e cobrar pela visitação. No entanto, isso requer um investimento que é difícil para os moradores por não terem uma renda fixa e porque os moradores não têm nenhuma ingerência sobre a atividade turística dentro da comunidade.



Figura 25: Criação de pirarucu em tanque adaptado.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.



Figura 26: pequeno tanque rede para criação de peixes pequenos.
Fonte: SOUZA, Deise, 2019.

Essas pequenas formas de adaptabilidade no espaço flutuante remetem a uma ideia de trabalho que Arendt (2010) nomeia como ação humana de produzir objetos como uma atividade decorrente da fabricação. O fabricante dessa instrumentalidade é referido pela autora como *homo faber*, aquele que fabrica manualmente os artefatos. De acordo com a autora, a fabricação dá ao homem sua primeira identificação humana e serve como distinção das outras atividades humanas. Mais uma vez observamos homem, no sentido *faber*, produzindo o mundo através de seu trabalho.

O comércio no Lago do Catalão ocorre como atividade nas próprias residências. Há atualmente dois flutuantes que concentram essa atividade comercial mais assiduamente, um deles é restaurante e é onde se comercializa também artesanatos. O outro oferece serviço de hotel, de forma mais improvisada. As demais atividades são pequenas lanchonetes com vendas de salgados, pizzas, bolos, artigos de bomboniere, venda de farinha, pé-de-moleque ou beiju na época de produção. O produto da pesca artesanal é vendido quase todo na própria comunidade, assim como alguns poucos produtos do extrativismo vegetal.

A comercialização de madeira é assunto pouco falado entre os moradores. Segundo Santos (2013) embora se trabalhe no lago do Catalão com motosserras e a matéria-prima não seja proveniente de áreas manejadas, a extração não estaria na ilegalidade, porque praticamente não tem representatividade na indústria madeireira do estado, sendo mais uma estratégia de assegurar renda familiar.

Santos (2013) observou que as árvores utilizadas nessas micro serrarias caem com o efeito natural do desbarrancamento da várzea e são capturadas no próprio rio, quando dali são transportadas até as serrarias improvisadas. As espécies mais comuns coletadas nos rios e beneficiadas no lago Catalão são: assacú, castanharana, munguba, sumaúma, carapari, embora ocorra de encontrar outras espécies como maçaranduba, piranheira, itaúba, louro e jacareúba, que também são árvores da região de várzea. É necessário demonstrar, no caso de uma fiscalização da polícia ambiental, a característica da árvore para comprovar que ela não tem precedência de extração ilegal. Em síntese, as árvores ali trabalhadas não são encontradas no próprio local.

Essa madeira era recolhida a partir do momento em que algum tronco se soltava de uma jangada. Assim esses —pescadores de madeiral capturavam o tronco que estava à deriva para vender as serrarias, a pirangagem como era chamado, um meio de subsistência para algumas famílias. Também havia os atravessadores que se deslocavam em suas embarcações às áreas reconhecidamente produtoras para comprar madeira e poder extrair algum lucro com a revenda para a indústria. O interlocutor

lembra que foi naquela época que surgiu a —lei do rio, que partia do princípio que uma árvore à deriva pertenceria a quem a encontrasse primeiro. Os barrigas d'água ou pirangueiros, como eram conhecidos esses coletores de madeira no rio, realizavam os percursos em pequenas embarcações, o que inviabilizava a viagem enquanto subiam o rio, contra a correnteza principalmente, se carregassem muito peso. Assim, quem encontrava uma árvore primeiro poderia, com segurança, encostá-la na margem do rio, sem que outra pessoa tomasse posse dela. No retorno, com a correnteza a favor, vinham formando suas pequenas jangadas. (SANTOS, 2013, p. 70-71)

Alguns moradores reclamam da atividade das micro serrarias devido ao incômodo gerado pelo barulho do motores-serras que iniciam suas atividades nas primeiras horas da manhã e seguem até o final da tarde, com intervalo apenas para o almoço. Outra reclamação advém do fato de não haver tratamento dos resíduos de madeira, que sujam o lago e contribuem no processo de assoreamento dos canais fluviais mais próximos de onde essas micro serrarias são instaladas. Segundo um entrevistado, que é um dos moradores mais antigos da comunidade, além de carpinteiro, as sobras de madeira e pedaços maciços dos troncos das árvores se instalam no fundo do rio, comprometendo a navegação das embarcações, quando o nível do rio está descendo, pois o atrito desses pedaços de pau pode causar acidentes, ou causar prejuízo material com a quebra da hélice do motor.

No Porto Ceasa existe o Terminal Hidroviário que serve à Cooperativa Encontro das Águas, nome alusivo ao local onde ocorre a confluência entre os rios Negro e Solimões. Nessa estação, muitos turistas contratam os serviços de canoieiros com o intuito de apreciar o fenômeno natural do encontro das águas. Existe também a Associação dos Canoieiros dos Portos da Ceasa e do Careiro da Várzea. Ali não são apenas pessoas interessadas no turismo ecológico, muito comum naquela região. São moradores, comerciantes e visitantes que transitam entre as comunidades adjacentes, movimentando o negócio do transporte fluvial. Essas pessoas têm nessas embarcações, de pequeno, médio e até grande porte, o meio convencional para trafegar pelas hidrovias (SANTOS, 2013, p. 34).

O turismo é a atividade mais visível para quem chega na comunidade do Lago do Catalão, já que é quase impossível não haver embarcações cheias de turistas entrando e saindo da comunidade. Apesar da atividade aparente, não há envolvimento da comunidade de modo direto, aliás é a atividade que menos traz retorno econômico para os moradores.

Primeiramente, há de frisar que não é uma atividade organizada pela comunidade, portanto não há gestão ou acesso a recursos advindos dela, a não ser por alguns moradores que fazem parte de uma das cooperativas que atuam no Porto Ceasa, a Solinegro, que transporta os turistas para conhecer a comunidade e as demais comunidades do entorno. No entanto, a

natureza da cooperativa é de transporte e não de turismo, realizando o transporte dos turistas que geralmente fecham pacotes de passeios que incluem além da comunidade do Lago do Catalão, outras comunidades onde se aprecia pirarucus, vitórias régias, comunidades indígenas. Há alguns moradores (cerca de três) que são proprietários de embarcações e membros da referida cooperativa. Nas palavras de Raimunda Viana, presidente da comunidade, o turismo da forma que é realizado não beneficia a comunidade diretamente e muitas vezes explora a imagem da comunidade com baixíssimo retorno ou nenhum retorno.

Essa atividade do turismo, a gente foi lá com o rapaz que vende “lembrança” pra turista, só ele que ganha com turismo aqui, a comunidade não ganha nada. Nós somos vendidos diariamente, não tem um dia que não tenha turista tirando foto de tudo, até minhas bananeiras, tudo é atração. Uma professora deu ideia de a gente fazer um projeto (de turismo) pra que a comunidade venda o pacote, que os guias sejam daqui da comunidade. Maravilhoso. Mas é um processo longo sem certeza de acontecimento, mas eu sei que seria ótimo se a gente pudesse fazer isso. Turista teria que pagar xis valor por canoa ou por pessoa ou pelo menos que “ele” empresário local, deixasse pelos menos 1 real pra comunidade de cada turista ou cada embarcação que entra aqui, porque aqui não fica nada. (Raimunda Viana, 57 anos, presidente da comunidade)

As formas de uso do território a partir do mundo do trabalho materializam no seu conjunto os modos de vida dos moradores do Lago do Catalão, caracterizados principalmente pela pesca e práticas agrícolas familiares se opõe diametralmente aos modelos de produção da agricultura moderna.

Estas práticas devem ser pensadas em termos de conservação do espaço natural, mas principalmente como alternativa para o desenvolvimento e criação de políticas governamentais voltadas para privilegiar quem vive a partir dessa produção para suprir suas necessidades e ter condições suficientes para a compra de excedentes para manutenção das necessidades básicas.

Outro aspecto destas territorialidades é pensar estes modos de vidas a partir do prisma da crise ambiental em que estamos imersos para compreender a problemática dos processos produtivos que se alimentam de pura e contínua destruição e, por oposição, em modos de vida alicerçados em práticas que revelam essa simbiose com o ambiente a partir do que Leff (2001, p.283) denomina filosoficamente de *“formas de fazer amor com a natureza”*. Encontramos nessas formas de uso do território não apenas uma visão idílica de homens e mulheres representadas na identidade ribeirinha, mas um modo visceral de hominização do ambiente que não é apenas duro, mas também bonito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda iniciativa de estudar os modos de vida de populações tradicionais, seus saberes e suas relações sociais é também uma forma contestadora, pois é uma denúncia/ação dos silenciamentos e apagamentos de epistemologia levadas a fim nos últimos séculos. Os impactos do colonialismo e do capitalismo, além de todas as consequências conhecidas em termos de dominação geográfica, econômica, social e política, também teve um alcance epistemológico. Falar dos modos de vida de uma comunidade ribeirinha é interseccionar a crítica à ciência moderna objetivadora e o diálogo no âmbito da academia entre a ciência institucionalizada e outros saberes.

Na dimensão do trabalho no Lago do Catalão, encontramos a diversidade epistemológica de que trata este trabalho, por requerer cognição sobre o ambiente de modo a calcular em meses, dias, horas e lugares para o plantio, pesca, produção. Essa ecologia de saberes que é conhecimento e também ignorância de certos processos, mostra-se plural e nos faz refletir sobre a dimensão da ciência moderna como pensamento único. O campo nos ensinou a ouvir, sentir e desaprender o lugar de um conhecimento para aprender outras formas de viver o ambiente.

Observamos que desde a diminuição da atividade madeireira na comunidade, foi possível observar na fala dos moradores uma plasticidade ao ambiente. O mundo do trabalho nem de longe lembra as visões idílicas ou idealizadas do ribeirinho; ao contrário, o esquecimento do poder público os mobiliza para encontrar formas de sobrevivência, seja em busca de um trecho de terra para plantar e todas as dificuldades que envolvem o processo de produção, projeções ligadas ao turismo, comércio de produtos, conflitos com pequenos criadores de animais, divergências políticas internas nas decisões que envolvem a comunidade etc.

Encontramos nestes modos de vida estratégias de vivência ao ambiente de várzea com múltiplas apropriações do território, duas das quais foram marcantes: a apropriação das águas no espaço/lugar onde estão localizados os flutuantes, com o uso dos lagos para a realização da pesca; e a apropriação do espaço/lugar do plantio, espaço modificado pelo devir das águas e pela intervenção dos moradores a cada pulso.

A apropriação das águas acontece na construção dos flutuantes, a ideia de posse traz de forma subjacente a ideia do público e privado de um modo diferenciado pois está ligada à

estrutura do flutuante; as águas que passam na frente são públicas, é a rua, a parte de trás é privado, o quintal; com exceção de flutuantes ou lugares que são específicos de uso coletivo como casas de farinha ou campos de futebol sobre a terra que só aparecem no período da seca. Os usos coletivos são marcas da uma territorialização que ainda tem traços de uma comunidade tradicional, embora haja traços de um individualismo mais conhecido em espaços urbanos.

A plasticidade dos modos de vida rompe o tempo todo com qualquer identidade essencializada. A identidade dos moradores do Lago do Catalão se amolda aos interesses da comunidade; às vezes é ribeirinho, às vezes é morador, às vezes é comunitário e é tudo isso ao mesmo tempo. Essa intervenção no real não foi observável apenas na dimensão do trabalho, mas nas dimensões políticas, tornando o sujeito coletivo como protagonista das mudanças que ele quer para a comunidade e os limites desses desejos de mudanças. Limites estes, quase sempre impostos pelo real do esquecimento, do abandono do estado a essas comunidades. Nesta direção, observamos que os moradores hoje manejam a imagem da “comunidade ribeirinha” politicamente para garantir direitos essenciais como água potável e lixeira pública.

Por fim, os modos de vida são teias de um sistema de conhecimento, trabalho e cultura que se produzem e se reproduzem no devir eterno das águas físicas e simbólicas do Lago do Catalão e se espriam nas atividades do pensamento e na extensão dos corpos que pescam, que plantam, que nadam, lutam, nos olhares que se perdem na imensidão do lago admirando o físico e o transcendental, o que pode ser dito e que o não cabe em palavras.

Finalizamos com a reflexão de que qualquer tentativa classificatória destes modos de vida não cabe na teia da existência, na dialética entre o rio e as casas flutuantes, cheia e vazante, racionalidade ambiental e racionalidade moderna, monocultura de saberes e diversidade epistemológica. A experiência dos moradores do Catalão nos mostram as múltiplas possibilidades de produzir conhecimento. A validade deste conhecimento está na própria experiência dos moradores; práticas que resultam positivas são mantidas, outras abandonadas, há adoção de práticas que aprimoram suas estratégias de adaptabilidade, outras práticas revelam a má adaptação, mas o que não muda (percebemos nas entrevistas) é o orgulho de morar no Lago do Catalão, é a sensação de felicidade, o planejamento pro futuro que implica permanecer na comunidade, no “meu lugar”.

Nesse devir de pesquisar reconhecemos os limites desta pesquisa refletidos na quantidade de dados, na dificuldade de maior tempo de convivência com os ribeirinhos, o que qualificaria mais ainda nossa escrita em relação aos seus modos de vida. Muitos aspectos destes modos de vida ainda podem ser evidenciados, como por exemplo, a produção de saberes e a

escola, a relação saberes formais e saberes empíricos na dimensão da educação formal e não formal.

A produção dinâmica de saberes em relação ao ambiente é fonte contínua de interesses de pesquisa que podem ser investigados no Lago do Catalão. Nossa contribuição, neste sentido, é apenas um convite para novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. Brasil: Ed. Mestre Jou, 1970.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2.^a ed. Manaus: PPGSCA–UFAM, 2008.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito. *In*: HÉBETTE, Jean; CASTRO, Edna. Na trilha dos grandes projetos. **Cadernos NAEA**, nº 10. Belém-UFPA/NAEA, 1989.
- ALMEIDA, Fabiane Ferreira de. **Fitoplâncton de um lago de inundação amazônico (lago Catalão, Amazonas Brasil): estrutura da comunidade, flutuações espaciais e temporais**. Dissertação (Mestrado em Ecofisiologia, Ictiologia, Mamíferos aquáticos, Recursos pesqueiros, Aquacultura, Sistemática e Biol) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, Manaus, 2008.
- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 11^a ed. São Paulo: Forense Universitária, 2010.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Valandro e Gerd Bornheim. Vol. IV: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ASSIS, Rafael Leandro. **Composição florística e estrutura da regeneração arbórea de florestas de várzea alta e várzea baixa na RDS Mamirauá, Amazônia Central**. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, Manaus, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 10 out. 2019.
- CAVALCANTI, Clóvis (org.). **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 1999.
- CUNHA, L. H. O. Significados múltiplos das águas. *In*: DIEGUES, A. C. (org.). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 15-25.
- DIEGUES, Antônio Carlos (org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000a.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3^a ed. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000b.

DIEGUES, Antônio Carlos. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. *In*: DIEGUES, Antônio Carlos; MOREIRA, André de Castro (orgs.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras, USP, 2001.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ESTERCI, N.; SCHWEICKARDT, K. H. S. C. Territórios amazônicos de reforma agrária e de conservação da natureza. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Cienc. Hum.**, Belém, v. 5, n. 1, 2010, p. 59-77. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n1/a06v5n1.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

FRANZINELLI, E. Características morfológicas da confluência dos rios Negro e Solimões (Amazonas, Brasil). **Revista Brasileira de Geociências**, 41(4), p. 587-596, 2001.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 30-32, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n3/a12v61n3.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GOLDEMBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Ed. Valer, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HIGUCHI, M. I. G.; CALEGARE, M. G. A.; FREITAS, C. C. de. Socialidade e espacialidade nas comunidades de Unidades de Conservação no Amazonas. *In*: M. I. G. HIGUCHI, C. C. FREITAS, AND N. HIGUCHI (Eds.). **Morar e viver em unidades de conservação do Amazonas**: considerações socioambientais para os planos de manejo. Manaus: Edição dos autores, 2013.

IBGE. **Biblioteca do IBGE**: cidades. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/amazonas/iranduba.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

JUNK, W. J. As Águas da Região Amazônica. *In*: **Amazônia**: Desenvolvimento, Integração, Ecologia. São Paulo: Brasiliense, Brasília: CNPQ, 1983.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, 28(1), p. 251-290, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LOUREIRO, João de Jesus de Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Trad. de Reginaldo Sant'Anna. I. I, v. I e II. 7. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Caderno da Região Hidrográfica Amazônica**. Brasília: 2006. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/161/_publicacao/161_publicacao03032011024915.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

MORÁN, E.F. **A Ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MORIM, Júlia. Povos e Comunidades Tradicionais. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1052%3A%20Povos-e-comunidades-tradicionais&catid=50%3A%20Letra-p&Itemid=1. Acesso em: 21 nov. 2020.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NODA, S. N.; NODA, H., PEREIRA, H. S.; MARTINS, L. L. U. Utilização e apropriação das terras por agricultura familiar amazonense de várzeas. *In*: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. C. C. (orgs.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP; 2001, pp. 181-204.

NODA, S.; PEREIRA, H. S.; BRANCO, F. M. C.; NODA, H. O Trabalho nos Sistemas de Produção de Agriculturas Familiares na Várzea do Estado do Amazonas. *In*: NODA, H.; SOUZA, L. A. G.; FONSECA, O. J. M. (eds.). **Dois décadas de contribuições do INPA à pesquisa agrônômica no trópico úmido**. Manaus: Ministério da Ciência e Tecnologia, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: 1997, pp. 240-281.

PEREIRA, H. S. **Dialogando com a paisagem**: uma análise ecológica da agricultura familiar da várzea do rio Solimões-Amazonas. Manaus: *s.n.*, 1994. Mimeo.

PETERS, F. E. **Termos filosóficos gregos**: um Léxico histórico. Tradução Beatriz Rodrigues Barbosa. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, 1983.

PINDORAMA FILMES. Açacu. **Um pé de quê?** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.umpedeque.com.br/arvore.php?id=665>. Acesso em: 02 out. 2019

PINHEIRO, L.; CARDOSO, A. C. A comunidade flutuante Lago Catalão – Iranduba AM: um tecido urbano sobre as águas. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 7, n. 2, p. e00114, 2019. Disponível em: <http://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/114>. Acesso em: 20 nov. 2020.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PORTAL DAS CEBS. **História da Ceps**. Disponível em: <http://portaldascebs.org.br/historia-das-cebs>. Acesso em: 02 out. 2019.

PRANCE, G. T. A terminologia dos tipos de florestas amazônicas sujeitas a inundação. **Acta Amazônica**, Manaus, v. 10, n. 3, p. 495-504, 1980. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59671980000300499. Acesso em: 20 nov. 2020.

RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos Cadernos Naea**, Belém, v. 09, n. 01, p. 119-130, jun. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/60>. Acesso em: 10 out. 2017.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Fernando Alvarenga dos. **Organização socioeconômica da comunidade Nossa Senhora Aparecida do Lago Catalão – Iranduba/AM**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2013.

SANTOS, M. C. A. **A Lição de Heráclito**. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 13: 1-9, 1990.

SEGATTO, R. Em busca de um léxico para teorizar a experiência territorial contemporânea. **História Revista**, v. 10, n. 2, p. 195-226, jul./dez. 2005.

SIOLI, H. **Amazônia**: fundamentos da ecologia da maior região de floresta tropicais. 3 ed.

Petrópolis: Vozes, 1991.

SMITH, T. L. A comunidade rural. *In*: SMITH, T. L. **Organização rural**: problemas e soluções. Tradução de José Arthur Rios. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p. 111-124.

SPOSITO, Eliseu; SAQUET, Marcos A. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 38, v. 2, p. 84-112, ago./dez. 2016.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. **A água e o homem na Várzea do Careiro**. Belém-Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. *In*: FERNANDES, F. (org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p. 96-116.

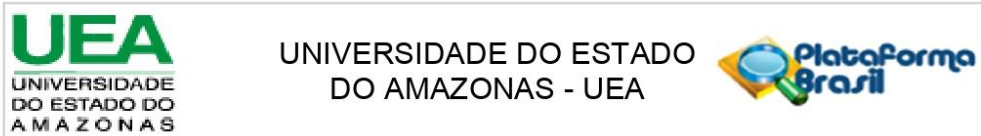
TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

VALE, Julio Daniel do. **Composição, diversidade e abundância da ictiofauna na área do Catalão, Amazônia Central**. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais) – Universidade Federal do Amazonas e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, Manaus, 2003.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: EDUA/UFAM, 2007.

ANEXOS

1 PARECER CONSUBSTANCIADO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O DEVIR DAS ÁGUAS: OS MODOS DE VIDA DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAGO DO CATALÃO EM IRANDUBA- AM

Pesquisador: DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 29770920.0.0000.5016

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.978.695

Apresentação do Projeto:

Trata-se da 1ª versão de projeto de pesquisa, nível de mestrado, cujo título é "O devir das águas: os modos de vida dos moradores da comunidade Lago do Catalão em Iranduba- AM", área de Ciências Humanas.

Objetivo da Pesquisa:

Primário:

"Investigar como o devir das águas caracteriza os modos de vida dos moradores comunidade Lago do Catalão".

Secundários:

1. "Apresentar a episteme que norteia os modos de vida do Lago do Catalão";
2. "Caracterizar o uso do território a partir das principais atividades empreendidas pela comunidade";
3. "Elucidar as estratégias de adaptabilidade dos moradores identificando sua relação com o lugar".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

No projeto original se lê o seguinte:

"Nossa pesquisa levará em consideração as normas estabelecidas na Resolução Nº 304 de 09 de

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777	
Bairro: chapada	CEP: 69.050-030
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3878-4368	Fax: (92)3878-4368
	E-mail: cep.uea@gmail.com



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO AMAZONAS - UEA



Continuação do Parecer: 3.978.695

agosto de 2000, do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as normas para a pesquisa envolvendo seres humanos estabelecidas pela Resolução CNS N. 510/2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diante dessas resoluções os ricos tornam-se mínimos, uma vez que o pesquisadora se compromete com a ética e a confidencialidade dos limites a ela apresentadas, respeitando, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política da comunidade, não admitindo qualquer forma de exploração física, mental, psicológica ou intelectual e social sujeitos da pesquisa assim como, não admitir-se-á situações que coloquem em risco a integridade e o bem-estar físico, mental e social destes. No entanto se ocorrer no momento da entrevista algum desconforto de qualquer ordem como, se sentir tímido ou desconfortável com o ambiente, gravador, aparelho celular, vídeo ou por qualquer outro motivo, poderá interromper a entrevista imediatamente sem nenhum ônus. Pode ser que algum entrevistado se sinta desconfortável na hora da entrevista pela presença do gravador ou do celular, no entanto, se o pesquisador notar qualquer forma de desconforto ou constrangimento, a entrevista será interrompida imediatamente pela iniciativa do pesquisador ou do entrevistado. Far-se-á a proposta de nova entrevista e se a resposta for positiva sera remarcada em local, data, hora escolhida pelo entrevistado”.

Benefícios:

Como consta no original: “Os benefícios esperados com o estudo serão de ampliação dos debates sobre a valorização dos modos de vida das populações ribeirinhas na Amazônia considerando seus saberes, suas formas de interação com o ambiente e a produção de cultura. Este processo passa também pela construção de suas identidades e pode ser utilizado como referência para pesquisas vindouras sobre comunidades ribeirinhas, além de ser objeto de consulta para a comunidade no âmbito da escola”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

METODOLOGIA

1. Pesquisa bibliográfica e trabalho de campo
2. Local da pesquisa: a comunidade flutuante Lago do Catalão localizada na planície de inundação do rio Negro em confluência com o Solimões está cerca de 10 minutos de Manaus, com acesso somente por embarcação. Comunidade formada por 121 famílias que vivem em casas flutuantes.
3. Referencial teórico: o pensamento sistêmico porque seu fundamento é a mudança de perspectiva

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777	
Bairro: chapada	CEP: 69.050-030
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3878-4368	Fax: (92)3878-4368 E-mail: cep.uea@gmail.com



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO AMAZONAS - UEA



Continuação do Parecer: 3.978.695

das partes para o todo (MORIN, 1997, 2005 e 2015);

4. Participantes: Grupo 1 (02 Lideranças Comunitárias da Associação Comunitária Agrícola Lago do Catalão); Grupo 2 (12 moradores);

5. Tamanho da Amostra: 12 a 14 participantes;

6. Instrumentos de coleta de dados: observação direta, entrevistas (uso de gravador), questionários e registros fotográficos a fim de captar os modos de vida a partir de três dimensões que são a produção de saberes, uso de território e adaptabilidade dos moradores.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Inclusão:

“Moradores maiores de 18 anos que morem na comunidade por período superior a 3 anos”.

Critério de Exclusão:

“Moradores que tenham se afastado da comunidade por período superior a 6 meses”.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. FOLHA DE ROSTO: assinada pela pesquisadora, datada de 03 de março de 2020, e assinada e carimbada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas.
2. CARTA DE ANUÊNCIA: datada de 01 de março de 2020 e assinada pela liderança do povoado Lago do Catalão;
3. TCLE: Contém título, participação voluntária, riscos/desconfortos e medidas para minimizá-los, benefícios, assistência, confidencialidade, contatos da pesquisadora e do CEP, informações sobre não ressarcimento de despesas, consentimento pós-informado.
4. CRONOGRAMA: apresenta as etapas e os períodos de realização. O período da pesquisa de campo está previsto para 01 a 15 de abril de 2020. NÃO ADEQUADO.
5. ORÇAMENTO: o projeto está orçado em R\$ 1.850,00 (mil oitocentos e cinquenta reais) oriundos de financiamento próprio.

6. Instrumento para a coleta de dados - apresentado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1. CRONOGRAMA: deve ser atualizado uma vez que o projeto encontra-se em tramitação no CEP e a pesquisa de campo está prevista para 01 a 15/04/2020 (Informações Básicas), no entanto está

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777

Bairro: chapada

CEP: 69.050-030

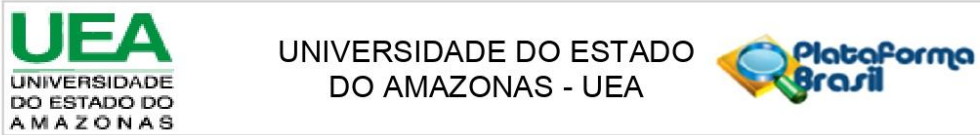
UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3878-4368

Fax: (92)3878-4368

E-mail: cep.uea@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.978.695

previsto para os meses de abril e maio (arquivo cronograma). A pesquisadora deve garantir que o início da pesquisa de campo só será iniciado após o parecer definitivo do CEP.

2. TCLE: Recomenda-se a seguinte alteração no tópico Consentimento Pós-Informado do TCLE no qual deve conter apenas a seguinte expressão: "Li e estou de acordo com a realização da pesquisa".

Diante do exposto, somos pela aprovação.

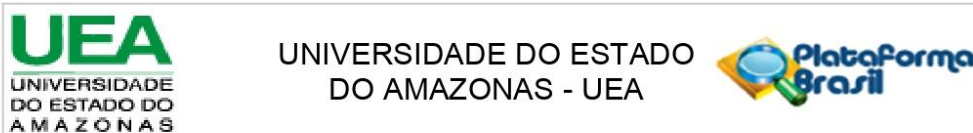
Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1500393.pdf	04/03/2020 19:40:56		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	04/03/2020 19:39:29	DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA	Aceito
Declaração de concordância	cartadeanuencia.pdf	04/03/2020 19:38:09	DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	04/03/2020 19:24:19	DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura_pesquisador.docx	21/01/2020 17:22:27	DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	21/01/2020 17:13:53	DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.doc	21/01/2020 16:53:32	DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA	Aceito
Brochura Pesquisa	brochura_pesquisa.docx	21/01/2020 16:51:23	DEISE NILCIANE FERREIRA DE SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777
Bairro: chapada **CEP:** 69.050-030
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3878-4368 **Fax:** (92)3878-4368 **E-mail:** cep.uea@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.978.695

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 17 de Abril de 2020

Assinado por:
DOMINGOS SÁVIO NUNES DE LIMA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777
Bairro: chapada **CEP:** 69.050-030
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3878-4368 **Fax:** (92)3878-4368 **E-mail:** cep.uea@gmail.com

2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

IDENTIFICACAO DO LOCAL

Comunidade: _____

Data: ____/____/____

1. INFORMAÇÕES GERAIS – ENTREVISTADO/A

1.1 Nome/Iniciais: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Sexo: () M () F

1.4 Estado Civil:

1.5 Local de Nascimento:

Na própria comunidade ()

Sede do Município de Manaus ()

Outra comunidade. Qual _____

Outro Município. Qual: _____

Relate a sua história de vida na Comunidade Lago do Catalão. Desde quando mora aqui?
Como construiu sua casa?

Quais os costumes que você considera mais importantes herdados dos seus antepassados? Por quê?

Como se dá o uso do território? Desenvolve roçado? É só para o consumo ou vende também?

A sua produção é desenvolvida de que forma?

Qual o principal tipo de produção desenvolvido pelo Sr(a)/sua família?

Como ocorre a adaptação de vocês em relação à cheia e vazantes dos rios no que diz respeito ao plantio, acesso à escola, venda de produtos e turismo?

Há algum problema que vocês considerem crônico na comunidade?

Quais as formas de lazer/diversão da comunidade?

Na comunidade, ocorre festas tradicionais? Caso positivo relatar como são e qual a periodicidade delas.

3 ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO LOCAL

Comunidade:

Data: ____/____/____

1. Dinâmica da comunidade: rotina de trabalho, estudo, lazer
2. Relação com o ambiente.
3. Roçados e criação de animais.
4. Uso de saberes tradicionais.
5. Estratégias de adaptação segundo o regime das águas: lazer, trabalho
6. Principais problemas identificados pelos moradores

4 ENTREVISTADOS

Entrevistada 1- Raimunda Ferreira Viana Viana (Líder Comunitária)

Entrevistado 2 – Edilson Alves Viana – 41 anos (Trabalhador da Cooperativa de Transporte Aquaviário)

Entrevistada 3- Rosa Lima – 70 anos – (Dona de Casa/Aposentada)

Entrevistado 4 – Francisco Edson Pereira da Silva – 31 anos – prestador de serviço na escola da comunidade

Entrevistado 5 – Mauro Coelho de Lima – 71 anos – carpinteiro

Entrevistado 6 – João Araldo Santana – 50 anos – pescador

Entrevistado 7 – Maria Aldeneide Ferreira – 40 anos – professora

Entrevistado 8 – João Araldo Santana Júnior – 18 anos – estudante.